



GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA
DOUTORADO EM LINGUÍSTICA**

INDIRA SIMIONATTO STEDILE ASSIS MOURA

**LÍNGUA INDÍGENA PAITER SURUÍ DE SINAIS (LIPSS): CARTOGRAFIA SOCIAL
VISUAL**

CÁCERES - MT

2025



GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA



INDIRA SIMIONATTO STEDILE ASSIS MOURA

**LÍNGUA INDÍGENA PAITER SURUÍ DE SINAIS (LIPSS): CARTOGRAFIA SOCIAL
VISUAL**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós -
Graduação em Linguística requisito para obtenção do
título de Doutorado.

Orientador: Prof. Dr. Wellington Pedrosa Quintino

CÁCERES-MT

2025

Ficha catalográfica elaborada pela Supervisão de Bibliotecas da UNEMAT Catalogação de
Publicação na Fonte. UNEMAT - Unidade padrão

M929I Moura, Indira Simionatto Stedile Assis.

Língua Indígena Paiter Suruí de Sinais (LIPSS): cartografia social visual / Indira Simionatto Stedile Assis Moura. - Cáceres, 2025.

131f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes Maldonado", Linguística/CAC-PPGL - Cáceres - Doutorado Acadêmico, Universidade Do Estado De Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes Maldonado".

Orientador: Dr. Wellington Pedrosa Quintino.

1. Língua Indígena Paiter Suruí de Sinais. 2. Cartografia Social Visual. 3. Paiter Suruí Surdos. 4. Identidade. 5. Território. I. Quintino, Wellington Pedrosa, Dr. II. Título.

UNEMAT / MT-SCB

CDU 81'221.24(81)

INDIRA SIMIONATTO STEDILE ASSIS MOURA

**LÍNGUA INDÍGENA PAITER SURUÍ DE SINAIS (LIPSS): CARTOGRAFIA SOCIAL
VISUAL**

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Wellington Pedrosa Quintino
Orientador – PPGL/UNEMAT

Prof. Dr. Amon Evangelista dos Santos Paiva
Avaliador Interno – UFRN

Prof. Dr. Bruno Roberto Nantes Araújo
Avaliador Interno – UFMS

Profa. Dr. Saionara Figueiredo Santos
Avaliadora Externa – IFSC

Profa. Dra. Mônica Cibeles da Cruz
Avaliadora Externa - UNEMAT

APROVADA: 30 de junho de 2025

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus (Tupã), pela vida, pela saúde, pela força e pela coragem de caminhar até aqui. Em cada desafio enfrentado, senti a proteção divina e a energia dos meus ancestrais, que me guiaram com luz e esperança.

Agradeço com profunda emoção à minha mãe, Irene Simionatto Stedile, por sua paciência infinita, seu amor incondicional e por ser meu alicerce em todos os momentos. Aos meus pais e avós, especialmente à minha vovó Lybera Simionatto Stedile (in memorian), que deixou lições eternas de sabedoria e força. À memória do meu pai, Sérgio Augusto de Assis (in memorian), e ao meu avô Izidoro Stedile (in memorian), minha eterna gratidão.

Meu carinho especial ao meu esposo e companheiro Franco Adam da Costa Moura, que esteve ao meu lado com amor, compreensão e incentivo constante, mesmo nas noites insones, nas angústias e nas conquistas. Nosso caminho é também uma construção de sonhos compartilhados.

Agradeço ao meu orientador, professor Dr. Wellinton Pedrosa Quintino, pela orientação atenta, pelas palavras de incentivo, pela paciência e pela confiança em minha capacidade de desenvolver este projeto. Sua condução foi essencial para meu crescimento acadêmico e pessoal.

A este trabalho, agradeço o apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, Código de Financiamento 001, que possibilitou a continuidade da minha formação.

Gratidão à Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) e a todos os professores e colegas do Programa de Pós-Graduação em Linguística, que contribuíram direta ou indiretamente para esta realização.

Às amigas de vida e companheiras de jornada no doutorado: Ariana Boaventura Pereira, Íris de Oliveira e Ednéia Bento, e à comunidade surda, meus sinceros agradecimentos! Juntos compartilhamos momentos inesquecíveis nas aulas, nos encontros e nas longas conversas sobre os desafios e conquistas desta caminhada.

Aos amigos azuis e aos parentes indígenas, que acompanharam minha jornada no doutorado com questões, diálogos e palavras de incentivo, deixo registrado meu carinho e minha gratidão.

Ao parente David Kaique do povo Pataxó Hãhãhãe pela **participação especial** na banca de qualificação e na defesa da tese e pela parceria e orientação nessa

caminhada na luta pela valorização, reconhecimento, oficialização e revitalização das Línguas Indígenas de Sinais - LIS no Brasil.

Agradeço de modo especial ao Grupo de Trabalho Nacional das Línguas Indígenas de Sinais (GT - LIS) da Década Internacional das Línguas Indígenas no Brasil (DILI 2022-2032), pela confiança, parceria e fortalecimento coletivo da luta em prol das línguas indígenas de sinais.

À comunidade Indígena Paiter Suruí Surda, mesmo à distância física imposta pela pandemia, minha reverência e meu compromisso com a preservação de sua língua e cultura visual.

E, finalmente, agradeço a mim mesma: pela resistência, pela esperança e pela escolha diária de seguir adiante, honrando minhas raízes e abrindo novos caminhos.

Cada linha desta tese é uma semente de amor plantada em honra aos meus ancestrais, à minha família e a todos que acreditam no poder da educação e da cultura.

RESUMO

A presente pesquisa busca investigar e produzir a Língua Indígena Paiter Suruí de Sinais (LIPSS): Cartografia Social Visual, visa apresentar a experiência da realidade do indígena surdo na Amazônia, “não como apropriação de um território”, mas, no seu sentido de dimensionar a pluralidade linguística e cultural, sob uma perspectiva etnográfica. A metodologia de pesquisa dos estudos pós-críticos de Mayer e Paraíso (2004) ancorados nos Estudos Surdos e de Santos (2024) baseados na identidade do território e na ancestralidade que liga os nossos parentes indígenas surdos através das Línguas Indígenas de Sinais e também dos estudos etnográficos. Para alcançar os objetivos propostos, será adotada uma abordagem que consiste em autoria indígena e de indigenistas como artigos publicados em anais de eventos, seminários e congressos, trabalhos de conclusão de graduação, mestrado e doutorado que discutem e evidenciam as Línguas Indígenas de Sinais e em específico as LIPSS usadas pelos indígenas paiter suruis surdos do território de Rondônia. Também fizemos um recorte para os estudos e publicações que levam visibilidade para os Indígenas Surdos. Apresentamos um quadro com os sinais mapeados/registrados da LIPSS. Faremos um recorte temporal entre os anos de 1968 a 2025.

PALAVRAS-CHAVE: Língua Indígena Paiter Suruí de Sinais. Cartografia Social Visual. Paiter Suruis Surdos. Identidade. Território.

ABSTRACT

The present research seeks to produce and investigate the Paiter Suruí Indigenous Sign Language (LIPSS) and the Possibility of its Visual Social Cartography in Rondônia, aims to present the experience of the reality of the deaf indigenous in the Amazon, "not as an appropriation of a territory", but in its sense of dimensioning linguistic and cultural plurality, from an ethnographic perspective. The research methodology of the post-critical studies of Mayer and Paraíso (2004) anchored in the Deaf Studies and Santos (2024) based on the identity of the territory and the ancestry that connects our deaf indigenous relatives through Indigenous Sign Languages and also ethnographic studies. To achieve the proposed objectives, an approach will be adopted that consists of indigenous authorship and indigenists such as articles published in annals of events, seminars and congresses, undergraduate, master's and doctoral conclusion works that discuss and highlight Indigenous Sign Languages and specifically the LIPSS used by the deaf Paiter Surui indigenous people of the territory of Rondônia. We also made a cut for studies and publications that bring visibility to the Deaf Indigenous People. We present a table with the mapped/registered signals of LIPSS. We will make a time frame between the years 1968 to 2025.

Key words: Paiter Suruí Indigenous Sign Language. Visual Social Cartography. Paiter Suruis Surdos. Identity. Territory.

EPÍGRAFE

“Compreendendo o surdo, seja ele indígena, brasileiro, como pertencente a um povo que tem uma cultura, tem uma identidade e essa identidade, no caso dos indígenas surdos, se consolida a partir das Línguas Indígenas de Sinais”. (Santos, 2024)

LISTA DE QUADROS/MAPAS/TABELAS

Quadro 01- Mapa da relação dos indígenas com publicações sobre a educação de surdos, LIS e Libras participantes do GT LIS	05
Quadro 02- Mapa dos indígenas ouvintes	06
Quadro 03 - Mapa dos indígenas surdos	07
Quadro 04 - Registro dos sinais da Língua Indígena Paiter Suruí de Sinais (LIPSS) - Indígena Ibobinha Suruí	15
Quadro 05 - Registro dos Sinais da LIPSS - Rosiane (não indígena)	46
Tabela 01 - Configurações da LIPSS	83
Tabela 02 - Configurações da LIPSS	84
Figura 01 - Parâmetros da LIPSS	85
Quadro 06 - Territórios Etnoeducacionais (TEEs)	108

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEE	Atendimento Educacional Especializado
CME	Conselho Municipal de Educação
CNE	Conselho Nacional de Educação
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
DILI	Década Internacional das Línguas Indígenas
D.A	Deficiência Auditiva
FNEEI	Fórum Nacional de Educação Escolar Indígena
FUNAI	Fundação Nacional dos Povos Indígenas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LBI	Lei Brasileira de Inclusão
LBD	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
LDBN	Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional
Libras	Língua Brasileira de Sinais
LIS	Línguas Indígenas de Sinais
LIPSS	Língua Indígena Paiter Suruí de Sinais
LIPS	Língua Indígena Pataxó de Sinais
L1	Língua Natural
L2	Segunda Língua
MEC	Ministério da Educação
MPI	Ministério dos Povos Indígenas
NDI	Núcleo de direitos Indígenas
NEIA	Núcleo de Estudos das Produções autorais Indígenas
NEIA	Núcleo de Estudos das Produções Autorais Indígenas
ONU	Organizações das Nações Unidas
PDPI	Projeto Demonstrativo dos Povos Indígenas
PNE	Plano Nacional de Educação
PPP	Projeto Político Pedagógico
SEC	Secretaria de Educação
SECADI	Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão
TILIS	Tradutor Intérprete de Língua Indígena de Sinais
TILS	Tradutor Intérprete de Línguas de Sinais
TILSP	Tradutor Intérprete de Línguas de Sinais e Língua Portuguesa
UESB	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura
UNI	União das Nações Indígenas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1 DIVERSIDADE LINGUÍSTICA E CULTURAS DAS LIS.....	4
2 METODOLOGIA	10
3 HISTÓRICO DA COMPREENSÃO DAS LÍNGUAS INDÍGENAS	85
4 CARTOGRAFIA SOCIAL VISUAL	97
5 LÍNGUA – IDENTIDADE – TERRITÓRIOS ETNOEDUCACIONAIS	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
REFERÊNCIAS	113

INTRODUÇÃO

Esta tese tem como foco a existência da Língua Indígena Paiter Suruí de Sinais e a proposta de sua cartografia social visual. O projeto original previa a realização de pesquisa de campo nas Aldeias Paiter Suruí, com levantamento direto de sinais culturais utilizados pelos indígenas surdos. No entanto, em razão das restrições impostas pela pandemia da COVID-19, o acesso às aldeias foi interrompido, sendo permitido apenas para membros da comunidade indígena e trabalhadores escolares.

Diante dessa realidade, o trabalho precisou ser reformulado metodologicamente, concentrando-se na análise de documentos já existentes. Assim, a pesquisa foi realizada a partir da coleta e estudo de duas dissertações de mestrado e do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da estudante Ibobinha Paiter Suruí, documentos que registram sinais e aspectos da cultura visual da comunidade indígena surda. Esta abordagem permitiu confirmar a existência da Língua Indígena Paiter Suruí de Sinais e propor reflexões para sua cartografia social visual.

Sou Indígena do povo/etnia Guarani, sou indígena surda e professora de Libras na UNIR. Atualmente participo juntamente com os parentes David Kaique (Pataxó Hãhãhãe), Mara Simões (Pataxó), Alessandro Inhape (Kambebe), Andressa Mamende (Terena), Maria Daniela Mendes (Kaingang), Davi Luiz (Marakás), Lizlyn Almeida (Wapichana), Domingos Araújo (Xakriabá), Jailson (Tupinambá), Izaela Rodrigues (Atikum), Kamara kimiú (Apurinã), Bruno Henrique (Pankararu) e Potyra Terena da Coordenação do Grupo de Trabalho Nacional das Línguas Indígenas de Sinais (GT¹ LIS).

Esta pesquisa nasce não apenas de um interesse acadêmico, mas de uma história de sangue, memória e pertencimento. Com o apoio de minha mãe, realizei um exame genético de DNA que confirmou algo que já pulsava em meu espírito: a presença viva de minha ancestralidade indígena.

Descobri que, do lado paterno de minha família, carrego o sangue de uma trisavó Indígena Guarani, que viveu em Santa Catarina, e a continuidade dessa herança em minha bisavó indígena.

¹ No Brasil, em abril de 2021, foi criado o Grupo de Trabalho Nacional para a Década Internacional das Línguas Indígenas, subdividido em três grupos de trabalho específicos: Grupo de Trabalho Línguas Indígenas Orais, Grupo de Trabalho Português Indígena (BRASLIND) e Grupo de Trabalho das Línguas Indígenas de Sinais.

Este reconhecimento não é apenas um dado genético: é a confirmação de uma identidade que sempre esteve em minha existência. Minha vida e minha trajetória acadêmica caminham juntas, enraizadas na cultura, na resistência e na luta dos povos indígenas.

A pesquisa sobre a Língua Indígena Paiter Suruí de Sinais e a construção da sua cartografia social visual refletem, assim, não apenas o compromisso científico, mas também um elo profundo de respeito, amor e responsabilidade para com meus ancestrais e suas formas de ver, sentir e sinalizar o mundo.

No Estado de Rondônia, o reflexo da militância no movimento surdo nacional e estadual é contemporâneo, potencializa a desnaturalização das visões dominantes sobre a língua, a história e a cultura do povo surdo, em defesa das culturas e identidades surdas.

Aqui a reflexão fomentada, intenta representar direitos, através da Cartografia Social Visual dos Indígenas Surdos. Essa, por sua vez, destacar o território específico das significações que os indígenas surdos constroem no tempo e no espaço, através do reconto de lendas, mitos e narrativas visuais.

O objetivo deste estudo se pauta na constituição de uma Cartografia Social Visual da Língua Indígena Paiter Suruí de Sinais (LIPSS) dos indígenas paiter suruí surdos em Rondônia, visa apresentar a experiência da realidade do indígena surdo na Amazônia, “não como apropriação de um território”, mas, no seu sentido de dimensionar a pluralidade linguística e cultural, sob uma perspectiva etnográfica.

Entendemos que é necessário realizar o levantamento das aldeias que possuem indígenas surdos neste estado, e intencionamos realizar entrevistas sobre os sinais próprios da cultura, relativos à Língua Indígena Paiter Suruí de Sinais - LIPSS usada pelos respectivos grupos de indígenas surdos.

Nossos objetivos específicos ainda pretendem registrar os sinais específicos da LIS em filmagens e fotografias, posterior uma catalogação com a tradução para Libras e para a escrita de sinais (SignWriting) sob a estratégia de descrever em formato visual seus parâmetros linguísticos, fonéticos e fonológicos

Diante de algumas adversidades, as pesquisas de campo e observação em espaços indígenas foram limitadas, por órgãos de fiscalização e proteção do povo indígena.

Optamos por nos referenciar em algumas bibliografias que apresentam o início do desenvolver do mapeamento da Língua Indígena Paiter Suruí de Sinais e da Língua

Indígena Cinta Larga de Sinais (LICLS) no estado de Rondônia, enquanto aguardamos pelo possível momento de interação com os indígenas surdos em ambientes naturais e culturais dos respectivos povos.

Eler (2006) defende que os indígenas surdos “[...] procuram entender o mundo através de experimentos visuais e procuram comunicar-se apontando e criando sinais”.

Em consonância ao trecho acima descrito desenvolver e catalogar um glossário fílmico e fotográfico composto de sinais criados e usados pelos indígenas surdos e seus termos, ou seja, uma Cartografia Social Visual, depende também do contato e interação com os sujeitos usuários da língua, contudo, pretendemos utilizar parcialmente, alguns registros realizados pelo grupo de pesquisa do Programa de Pós Graduação da Universidade Federal de Rondônia - UNIR, para atender esse estudo.

Através dos sinais da LIPSS existentes no cotidiano da etnia indígena Paiter Suruí, representado na figura dos animais, vegetação e outros elementos, acreditamos que seja possível a inserção no universo Indígena de viés Surdo, enquanto possibilidade também da produção de conhecimento possível para apreciação da sociedade envolvente e da própria comunidade surda, é um ato de desterritorialização legítimo no espaço das pesquisas sobre os Indígenas Surdos.

Problematização do tema da pesquisa

A possibilidade de construção de espaços de diálogo entre culturas diferentes que buscam rupturas face ao binarismo normal/anormal ou das visões do senso comum sobre os surdos enquanto anormais, doentes ou deficientes, permitindo que a Cultura Indígena Surda seja apresentada como expressão dos planos, sonhos e visões de mundo de um povo que quer ser compreendido à luz daquele mundo que compartilham entre si.

Nesse sentido, resta saber: Qual a importância da cartografia social visual para os indígenas paiter suruis surdos? Como se dá o uso da Língua Indígena Paiter Suruí de Sinais - LIPSS e comunicação dos indígenas paiter suruis surdos dentro de suas comunidades?

Entendemos como relevante a criação de uma Cartografia Social Visual a respeito das Línguas Indígenas de Sinais e a cultura dos indígenas surdos em Rondônia onde nosso foco se dará na aldeia a etnia/povo Paiter Suruí, a fim de esclarecer as questões levantadas como nosso objetivo geral.

1 DIVERSIDADE LINGUÍSTICA E CULTURAL: LÍNGUAS INDÍGENAS DE SINAIS (LIS) NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE INDÍGENA SURDA

As recentes pesquisas vêm discutindo a diversidade linguística e cultural das Línguas Indígenas de Sinais (LIS) e apontando a sua contribuição para a construção da identidade indígena surda.

Santos (2024), professor e pesquisador indígena do povo/etnia Pataxó Hãhãhãe relaciona as LIS e aponta para o entendimento de que as Línguas Indígenas de Sinais carregam elementos culturais específicos de cada cultura, que hoje totalizam 31 Línguas Indígenas de Sinais. Esse mapeamento advém da leitura de trabalhos que consideram aspectos não apenas linguísticos, mas, sobretudo identitários, culturais e educacionais.

- Língua Indígena Akwe Xerente de Sinais
- Língua Indígena Apinajé de Sinais
- Língua Indígena Asurini de Sinais
- Língua Indígena Caixana de Sinais
- Língua Indígena Cinta Larga de Sinais
- Língua Indígena Fulni-ô de Sinais
- Língua Indígena Guarani Kaiowá de Sinais
- Língua Indígena Hãtxa Kui de Sinais
- Língua Indígena Ka'apor de Sinais
- Língua Indígena Kaingang de Sinais
- Língua Indígena Kambeba de Sinais
- Língua Indígena Macuxi de Sinais
- Língua Indígena Marubo de Sinais
- Língua Indígena Maxakali de Sinais
- Língua Indígena Munduruku de Sinais
- Língua Indígena Nambikwara de Sinais
- Língua Indígena Paiter Suruí de Sinais
- Língua Indígena Pankararu de Sinais
- Língua Indígena Pataxó de Sinais
- Língua Indígena Sateré-Mawé de Sinais
- Língua Indígena Tapajó de Sinais
- Língua Indígena Tapayuná de Sinais
- Língua Indígena Tapebá de Sinais
- Língua Indígena Tentehar de Sinais
- Língua Indígena Terena de Sinais
- Língua Indígena Tupinambá de Sinais
- Língua Indígena Wapichana de Sinais
- Língua Indígena Wauja de Sinais
- Língua Indígena Xakriabá de Sinais
- Língua Indígena Xukuru do Ororubá de Sinais
- Língua Indígena Yanomami de Sinais.

O autor também propõe as siglas LIS² para as Línguas Indígenas de Sinais, TILIS que representa os Tradutores Intérpretes das Línguas Indígenas de Sinais que leva em consideração a identidade indígena³ e depois a modalidade linguística e apresenta o mapa que é ilustrativo do movimento que vem ocorrendo no sentido de dar visibilidade a esses tesouros culturais que são as Línguas Indígenas de Sinais. O mapa aponta que já somos 21 indígenas se debruçando sobre as LIS de 17 povos e articulados no GT das Línguas Indígenas de Sinais.



Fonte: Santos (2024)

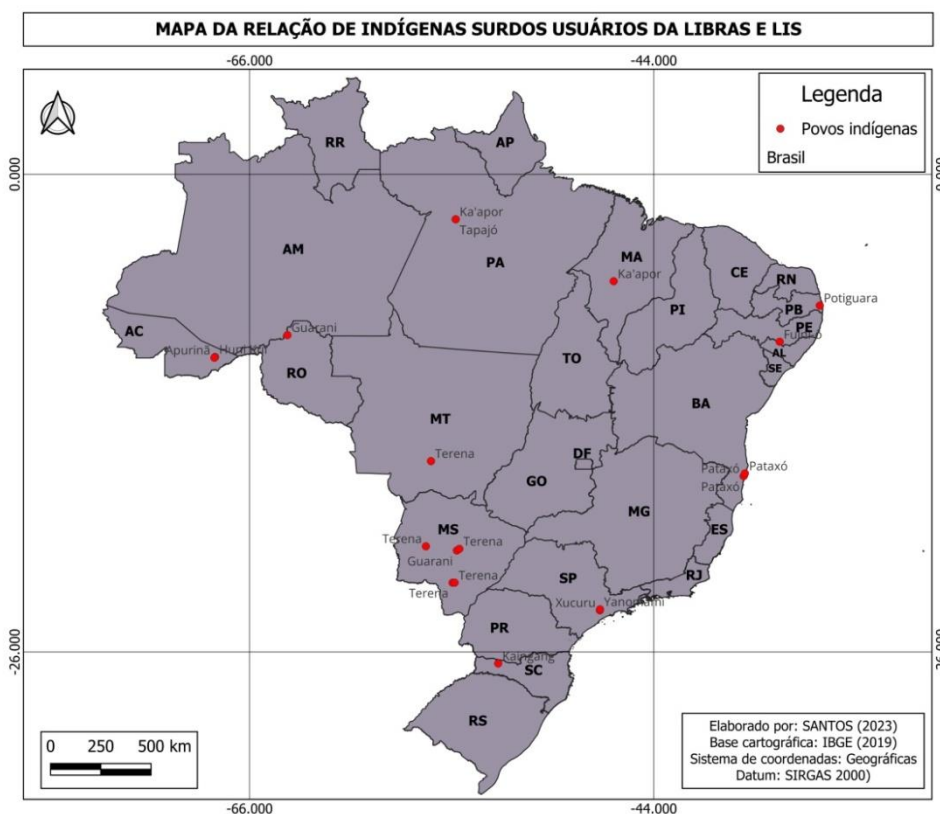
Santos (2024), professor e pesquisador indígena, relaciona nos mapas abaixo os povos/etnias indígenas com representantes surdos e ouvintes usuários de Libras e das LIS membros do GT. Esses mapas são importantes para demonstrar o quanto esse movimento tem caráter nacional e diverso, representando 43 povos em 22 estados da federação.

A seguir apresentamos o mapa da relação de indígenas ouvintes que são usuárias da Libras e das LIS em 21 estados no território brasileiro. Vale destacar que são professores indígenas, linguistas e antropólogos que são membros ativos do Grupo de Trabalho Nacional das Línguas Indígenas de Sinais – GT LIS parte da Década Internacional das Línguas Indígenas no Brasil – DILI 2022-2032. Atualmente o GT LIS é o movimento que vem lutando pela valorização, revitalização, vitalização e oficialização das LIS, além de tecer parcerias com várias instituições educacionais,

² O pesquisador e professor indígena propõe a alteração da sigla LSI para LIS.

³ O pesquisador usa o termo “indígena surdo” por considerar que a identidade indígena deve ser a primeira tanto para se referir às Línguas Indígenas de Sinais quanto à identidade Indígena Surda.

Mapa ilustrativo da relação de indígenas surdos que são usuários da Libras e das LIS em 12 estados em solo brasileiro.



Fonte: Santos (2024).

Segundo Campelo (2008) “as particularidades do signo visual e as propriedades da língua de sinais [...], dentro da sociedade da visualidade, têm contribuído para firmar a qualidade visual e a construção do pensamento crítico dos sujeitos surdos [...]”.

As práticas de acolhimento adotadas pelo povo indígena ouvinte, ao que se refere a uma língua visual ainda é tímida, podemos usar uma terminologia, um tanto polêmica, para classificar essa distinção de línguas dentro da comunidade indígenas a falantes da língua oral que conseqüentemente tem mais falante e a língua de sinais que ainda é minoritário o grupo de sinalizantes.

Na comunidade indígena Paiter Suruí, existem nove pessoas indígenas surdas que se comunicam quase que exclusivamente entre os seus familiares.

Desse quantitativo de surdos, seis estão matriculados na escola de educação indígena e recebem o atendimento na sala de ensino especializado com um professor surdo especialista em Língua Brasileira de Sinais - Libras, todavia, vale ressaltar que a Libras é uma língua diferente da LIPSS.

Este estudo de caso analisa o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Ibobinha Suruí (2023), que investiga a comunicação entre seu filho, Arthur Suruí Suruí,

que é indígena surdo, e os membros de sua aldeia. O caso de Arthur Suruí Suruí é um exemplo raro e significativo da preservação e desenvolvimento da Língua Indígena Paiter Suruí de Sinais (LIPSS) dentro do ambiente indígena, sem interferência da Libras.

A comunicação entre Arthur e seu pai, bem como outros indígenas da aldeia, demonstra a autonomia da língua indígena de sinais, que surge de forma natural e espontânea, refletindo os elementos culturais e visuais do povo indígena Paiter Suruí. A pesquisa realizada por Ibobinha Suruí evidencia que a Língua Indígena de Sinais (LIS) é composta por sinais icônicos, baseados na interação com o meio ambiente, e que essa língua possui uma estrutura própria, diferenciada da Libras.

Uma das fontes mais relevantes para a documentação da Língua Indígena Paiter Suruí de Sinais (LIPSS) é o canal do YouTube de Arthur Suruí Suruí. Esse canal apresenta vídeos curtos ("shorts") nos quais é possível observar a comunicação visual e gestual dentro da aldeia.

Os vídeos registram o uso espontâneo e natural da língua indígena de sinais, permitindo uma análise de como os sinais são construídos no dia a dia, sem interferência da Libras. Essa produção audiovisual tem um valor fundamental na preservação da língua, pois a escrita tradicional não é suficiente para capturar a riqueza dos gestos e da iconicidade dos sinais.

O canal Arthur Suruí Suruí também cumpre um papel importante na "territorialização visual" da cultura indígena surda, pois proporciona um meio digital para que os sinais sejam divulgados e reconhecidos dentro e fora da comunidade indígena. Isso fortalece a resistência contra a colonização linguística e possibilita que futuras gerações tenham acesso a essa herança cultural.

No Brasil temos a Língua Brasileira de Sinais – Libras como segunda língua oficial e a Língua Indígena de Sinais Ka'apor em processo de oficialização e/ou co-oficialização.

De acordo com a matéria publicada no Diário Oficial do Município de Miranda do Estado do Mato Grosso do Sul, no dia 11 de abril de 2023 na edição 627 a Lei Municipal nº 1538, de 04 de abril de 2023 na Emenda aditiva à Lei nº 1382 de 12 de abril de 2017, que dispõe sobre a co-oficialização da Língua Terena. Estabelece que:

Art. 1º A redação do art.1º e 3º da Lei n.1382 de 12 de Abril de 2017, passam a vigorar com a seguinte redação:

Parágrafo único – A redação do art.1º e 3º da Lei n.1382 de 12 de Abril de 2017, passam a vigorar com a seguinte redação: Parágrafo Único – “Fica estabelecido que no município de Miranda, estado de Mato Grosso do Sul, passa a ter como línguas co-oficiais: A Língua Terena, a Língua Brasileira de Sinais (Libras), a Língua Terena de Sinais (LTS) e a Língua Kinikinau, garantindo a equidade e igualdade enquanto política linguística municipal.”

Art. 2º Em nenhum caso poderá haver discriminação em razão da língua oficial ou co-oficiais que use:

Parágrafo único - No caso dos estudantes que apresentem necessidades diferenciadas de comunicação, o acesso aos conteúdos deve ser garantido por meio da utilização de linguagens e códigos aplicáveis, como o sistema Braille e a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a Língua Terena de Sinais (LTS), sem prejuízo do aprendizado da língua portuguesa e da língua indígena, facultando-lhes e às suas famílias a opção pela abordagem pedagógica que julgarem adequada, ouvidos os profissionais especializados em cada caso voltada à garantia da educação de qualidade sociocultural como um direito dos povos indígenas.(BRASIL, 2023)

Diante do acesso a outra língua de sinais, os indígenas surdos são submetidos à apropriação cultural e linguística por influência. Tal influência vai desde ao modelo de educação adotado pelo estado, quanto pelos profissionais que são contratados para trabalhar nas comunidades indígenas que na maioria das vezes não são indígenas, quanto pela influência de uma língua de sinais arbitrária nas formações lexicais dentro da cultura indígena.

Diante disso propomos a ideia da construção de uma cartografia visual social das convenções linguísticas utilizadas por indígenas surdos da comunidade 7 de setembro na aldeia Gap Agir, de modo que visualidade seja foco do registro, são poucos os registros de literatura, histórias e demais contextos históricos dos indígenas surdos diante da temporalidade da comprovação da existência de pessoas surdas. Com isso, nos apegamos em Campelo (2008), “[...] se faz necessário buscar uma qualidade maior e que beneficie os aspectos da visualidade da Educação dos sujeitos Surdos”.

Não somente pela visualidade nas informações e letramento indígena, sobretudo pelos registros que poderão marcar a existência de uma língua e evitar a glotofagia.

Os dados produzidos nos referenciais bibliográficos existentes apresentam algumas sentenças completas na Língua Indígena Paiter Suruí de Sinais. Foram dados que surgiram durante o processo de investigação do grupo de pesquisa da UNIR, e redesenhados através do apoio tecnológico, onde selecionamos os sinais dentro da categoria de animais que são utilizados pelos indígenas surdos na comunidade. Portanto, não temos por hora pistas morfossintáticas dos sinais da LIPSS para fazer uma melhor categorização gramatical, assim utilizamos uma descrição semântica.

Conforme Schachter, 1985. Que afirma que os melhores critérios para classificação de nomes e verbos são os morfossintáticos.

A existência de uma possível Cartografia Social Visual dessa língua, sob a perspectiva da linguística aplicada, desencadeia a premissa de que a cartografia visual social contempla a necessidade visual da pessoa indígena surda.

2 METODOLOGIA

Seguimos nossos estudos com base na metodologia de pesquisa dos estudos pós-críticos de Mayer e Paraíso (2004), Mayer, Dogmar e Estermann (2012) ancorados nos Estudos Surdos e de Santos (2024) baseados na identidade do território e na ancestralidade que liga os nossos parentes indígenas surdos através das Línguas Indígenas de Sinais e também dos estudos etnográficos.

A metodologia deste estudo foi adaptada em função das restrições provocadas pela pandemia da COVID-19. Inicialmente, a pesquisa previa trabalho de campo presencial nas aldeias Paiter Suruí, para coleta direta de dados linguísticos e culturais junto a indígenas surdos. Com a pandemia, as aldeias restringiram a entrada de visitantes externos, limitando o acesso apenas a membros internos e profissionais escolares indígenas, o que impossibilitou a execução da pesquisa de campo como planejado.

Dessa forma, a coleta de dados foi realizada por meio de análise documental e bibliográfica. Foram selecionadas duas dissertações de mestrado e um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que abordam a Língua Indígena Paiter Suruí de Sinais. A partir desses registros, foi feita a identificação, organização e análise dos sinais indígenas e da cultura visual surda. A metodologia documental possibilitou a sistematização de dados relevantes para a proposta da cartografia social visual, respeitando os limites éticos e sanitários impostos pelo contexto pandêmico.

Para alcançar os objetivos propostos, será adotada uma abordagem que consiste em autoria indígena e de indigenistas surdos e ouvintes como artigos publicados em anais de eventos, seminários e congressos, trabalhos de conclusão de graduação, mestrado e doutorado que discutem e evidenciam as Línguas Indígenas de Sinais e em específico as LIS do território de Rondônia. Também fizemos um recorte para os estudos e publicações que levam visibilidade para os Indígenas Surdos.

Apresentamos um quadro com os sinais mapeados/registrados da LIPSS. Faremos um recorte temporal entre os anos de 1968 a 2024.

Muitas indagações se afloram no anteceder do objetivo desta pesquisa, todavia esse estudo tem por objetivo, analisar o processo que definimos como gramatização da língua de sinais do povo Paiter Suruí, através de uma cartografia social visual, delimitamos nossa pesquisa aos referenciais bibliográficos de mapeamento dos sinais da Língua Indígena Paiter Suruí de Sinais com dissertações defendidas no ano de (2017).

Este estudo adota uma abordagem metodológica ancorada nos Estudos Surdos e na Cartografia Social Visual, que privilegiam o reconhecimento das línguas visuais e das experiências surdas como centrais para a construção do conhecimento.

A metodologia envolve:

- Levantar de sinais através de pesquisa etnográfica na comunidade indígena Paiter Suruí.
- Comparar dos sinais com outros registros de Línguas Indígenas de Sinais.
- Refletir sobre o impacto da colonização linguística na educação dos indígenas surdos.

Essa abordagem permite um olhar mais aprofundado sobre a estrutura da Língua Indígena Paiter Suruí de Sinais (LIPSS) e sua relação com a cultura visual e identidade indígena surda.

A cartografia social visual representa uma ferramenta essencial na documentação e transmissão da Língua Indígena Paiter Suruí de Sinais (LIPSS). A preservação de línguas indígenas de sinais, historicamente marginalizadas, requer estratégias inovadoras para que possam ser reconhecidas e valorizadas dentro e fora das comunidades indígenas.

A cartografia social visual, enquanto metodologia, permite a construção de um mapeamento linguístico e cultural dinâmico, registrando os sinais em contexto e valorizando sua iconicidade e especificidade.

A comunicação dos indígenas surdos ocorre predominantemente por meio da cultura visual, sendo fundamental para a transmissão de conhecimento, histórias e valores dentro da aldeia. As imagens dos sinais utilizados pelos indígenas surdos são uma ferramenta essencial para compreender a relação entre língua, linguagem e território, evitando a assimilação forçada pela Libras e reforçando a autonomia das Línguas Indígenas de Sinais.

A territorialização visual dos povos indígenas surdos manifesta-se na maneira como os sinais são criados e compartilhados dentro da comunidade. Diferente da estrutura urbana de educação de surdos, na qual a Libras são ensinados dentro de um contexto formal, os sinais indígenas são concebidos organicamente dentro do ambiente da aldeia, refletindo os costumes e a cosmovisão do povo Paiter Suruí.

2.1 Delineamento do quadro teórico

Ancorado nos Estudos Culturais Surdos, os quais defendem como premissa teórica a existência de uma pedagogia surda e revelam modos de ensinar, possibilidades de aprender por diferentes artefatos culturais pedagógicos, se multiplicam na sociedade, ampliando os objetos de pesquisa para além das diversidades culturais.

Seguimos a metodologia pós-crítica que busca inspiração na diversidade e pluralidade, através dos autores da área da linguística, estudos culturais e etnográficos como ALMEIDA e JÚNIOR (2013), nos estudos surdos com DAVIS (1995); VILHALVA (2004); SÁ (2006); STROBEL (2008); PERLIN (2010); SKLIAR (2010); DORZIAT (2011); FERNANDES (2011), SANTOS (2023) e autores indígenas e indigenistas nos estudos sobre Indígenas Surdos e Línguas Indígenas de Sinais ARAÚJO (2023); COLADINE (2017); BERNARDO (2024); GIL (2017); ELER (2017). Pataxó Hãhãhãe e Pataxó (SANTOS, 2022), Marubo (COMAPA, 2022), Apurinã e Huni Kui (GOMES, 2020), Pankararu (SILVA, 2019; OLIVEIRA, 2022), Tapajó, Kokama e Pataxó (MEIRELES, RUBIM e BOMFIM, 2022), Wapichana (ALMEIDA, (2022), Terena (MAMENDE, 2022), Guarani (MOURA, 2023 – no prelo), Tapayuná (VARELA et. Al, 2023), Terena (VILHALVA, 2009; FRANCISCO, 2021; SOARES, 2022; ROBERTO, 2022), Pataxó (JESUS, 2018), Kaiowá e Guarani (JESUS, 2021), Macuxi (MOURA, 2019), Tupinambá (SANTOS, 2023 – no prelo), Guarani e Pataxó Hãhãhãe (SANTOS, Damasceno e Vilhalva, 2023), Pataxó (SANTOS, 2024) e Guarani (VILHALVA, 2024).

Propomos como objetivos específicos o levantamento das aldeias que possuem indígenas surdos no estado de Rondônia; a elaboração de questionários aberto e entrevistas semi-estruturadas sobre os sinais próprios da Língua Indígena Paiter Suruí de Sinais, usada pelos indígenas paiter suruí surdos;

Registrar os sinais da LIPSS em filmagens e fotografias; posteriormente, catalogar as respostas em banco de dados com sinais específicos traduzidos para Libras através de gravação gesto visual, fotografias e filmagens.

A Tradução/transcrição dos sinais-termos para Escrita de Sinais (Sign Writing) com descrição dos parâmetros linguísticos, fonéticos e fonológicos;

Após a revisão e tabulação de dados, pretendemos percorrer a Redação de tese com versão impressa e traduzida em Libras através de textos fotografias e sinalização visual por QRcode; Como resultado, a disponibilização da Cartografia Social Visual para livre acesso na internet.

2.2 O Uso de QR Codes na Preservação da Língua Indígena Paiter Suruí de Sinais (LIPSS)

Uma inovação desta pesquisa é o uso de QR Codes como ferramenta para preservar e divulgar os sinais da Língua Indígena Paiter Suruí de Sinais. Cada sinal documentado nesta pesquisa possui um vídeo correspondente, que pode ser acessado diretamente por meio de um QR Code incluído na tabela desta tese.

A utilização de QR Codes representa um avanço na “documentação visual das línguas indígenas”, permitindo que pesquisadores, indígenas surdos e ouvintes tenham acesso imediato aos vídeos dos sinais. Essa abordagem garante que os sinais possam ser observados em seu contexto original, sem depender apenas de descrições escritas, fortalecendo assim a “preservação da cultura visual indígena”.

Além disso, os QR Codes possibilitam a “territorialização digital” da Língua Indígena Paiter Suruí de Sinais, pois permitem que os sinais sejam acessados de qualquer lugar do mundo, sem que precisem passar por traduções ou modificações impostas por padrões linguísticos externos, como a Libras e as LIS.

2.3 Produção de dados

Visamos iniciar esta pesquisa dentro do Programa de Doutorado da Universidade Estadual de Mato Grosso (UNEMAT), com o objetivo da criação de uma Cartografia Social Visual sobre a Língua Indígena Paiter Suruí de Sinais e a cultura dos indígenas surdos em Rondônia, nesse sentido, apresentar a experiência da realidade do indígena surdo na Amazônia, “não como apropriação de um território”, mas no seu

sentido de dimensionar a pluralidade linguística, educacional, identitária e cultural, sob uma perspectiva etnográfica.

Diante das atuais adversidades, as pesquisas de campo e observação em espaços indígenas são limitadas, por órgãos de fiscalização e proteção. Optamos por nos referenciar em algumas bibliografias que apresentam o início dos estudos e registros para desenvolver o mapeamento da Língua Indígena Paiter Suruí de Sinais e Língua Indígena Cinta Larga de Sinais no estado de Rondônia, enquanto aguardamos pelo possível momento de interação com os indígenas surdos em ambientes naturais e culturais do seu povo.

Entendemos como necessário realizar o levantamento das aldeias que possuem indígenas surdos neste estado, e intencionamos realizar entrevistas sobre os sinais das duas LIS próprias de cultura, usadas pelos indígenas surdos.

Nossos objetivos específicos pretendem registrar os sinais das LIS do povo/etnia Paiter Suruí e Cinta Larga em filmagens e fotografias, posterior uma catalogação com a tradução para Libras e para a escrita de sinais (Sign Writing). Eler defende que os indígenas surdos.

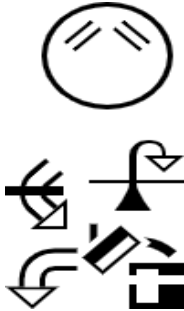
Em consonância ao trecho acima descrito desenvolver e catalogar de um glossário fílmico e fotográfico composto de sinais criados e usados pelos surdos indígenas e seus termos, ou seja, uma Cartografia Social Visual depende também do contato e interação com os sujeitos usuários da língua, contudo usaremos parcialmente, alguns registros realizados pelo grupo de pesquisadora da Universidade Federal de Rondônia - UNIR, para atender esse estudo que são os sinais existentes no cotidiano da etnia/povo indígena Paiter Suruí, abaixo representaram na figura os animais “cotia” e “paca”, respectivamente.

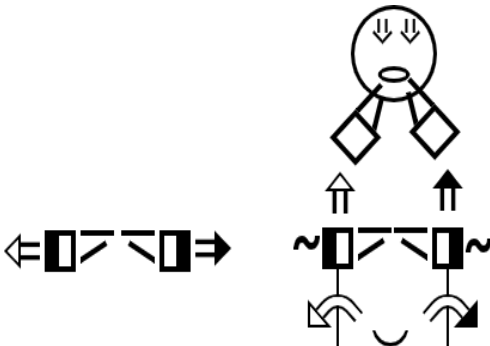
A existência de uma possível Gramatização dessa língua, sob a perspectiva da linguística aplicada, desencadeia a premissa de que a cartografia visual social contempla a necessidade visual da pessoa indígena surda.

A seguir, a Tabela 1 apresenta a sistematização dos sinais da Língua Indígena Paiter Suruí de Sinais, detalhando sua configuração de mãos (CM), ponto de articulação (P.A.), movimento (M), orientação (O) e um QR Code correspondente a um vídeo que demonstra o sinal em uso.

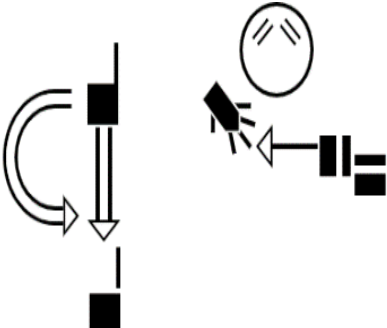
Essa sistematização é fundamental para garantir que a língua seja reconhecida e preservada, evitando o risco de desaparecimento devido à pressão linguística exercida pelo português e pela Libras nas comunidades indígenas.

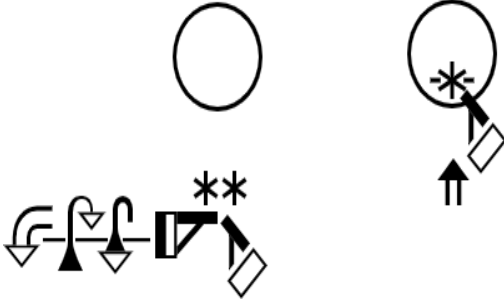
**Quadro 04: Registro dos sinais da Língua Indígena Paiter Suruí de Sinais (LIPSS)
- Indígena Ibobinha Suruí**

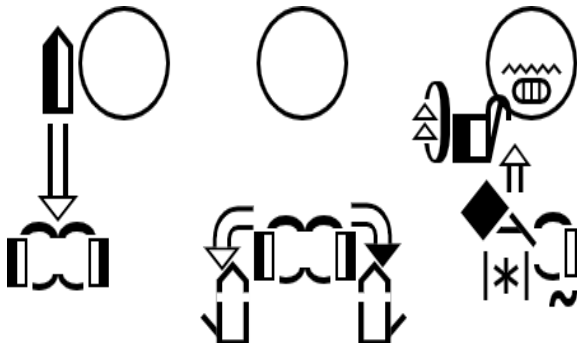
Abacaxi	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=61863
QR Code de acesso ao video	 https://www.youtube.com/watch?v=fS2xI4iroSY
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mão número de 56 e 111. P.A.: No espaço neutro a frente do corpo. M: Unidirecional. O: Para esquerda e para o corpo. ENM: Estático.

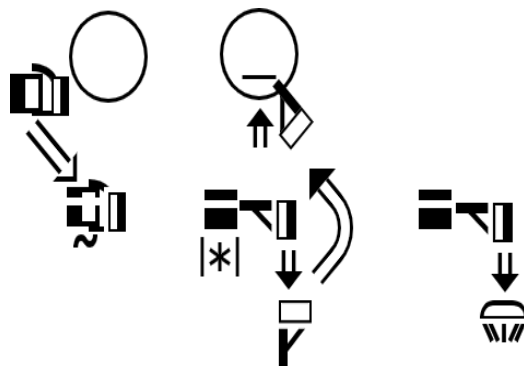
Amendoim	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=61887
QR Code de acesso ao video	 https://www.youtube.com/watch?v=WlszgOG_Dps
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mão número de 104 e 106. P.A.: No espaço neutro e na boca. M: Bidirecional e Unidirecional. O: Para direita, para esquerda e para o corpo. ENM: Estático.

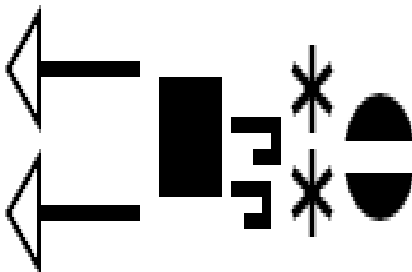
Arara	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=61860
QR Code de acesso ao video	 https://www.youtube.com/watch?v=sAmRPsd9OwU
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mão número de 100 e 99 P.A.: Na boca. M: Movimento interno da mão. Polegar e indicador. O: Para frente. ENM: Sim, na boca.

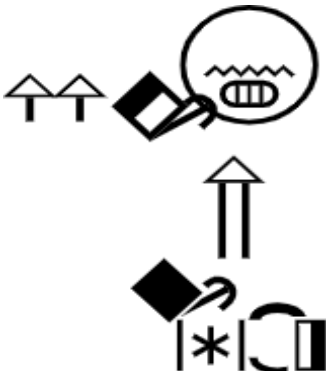
Arco	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=61873
QR Code de acesso ao video	 https://www.youtube.com/watch?v=vLA3IKVwxBU
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mão número de 01, 111 e 35 P.A.: No espaço neutro a frente do corpo na altura da cabeça e do torax. M: Angular e Bidirecional. O: Para frente e para baixo. ENM: Estático.

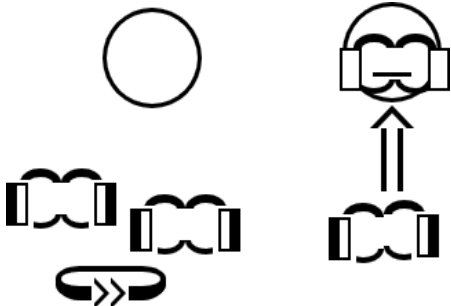
Banana	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=61882
QR Code de acesso ao video	 https://youtu.be/gKyIH9M6_LY
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mão número de 52. P.A.: No espaço neutro, toque entre os dedos e boca. M: Bidirecional. O: Para cima, para baixo e para o corpo. ENM: Sim, na boca.

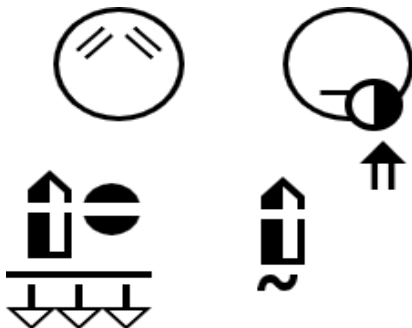
Bola da Castanha do Brasil	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=61884
QR Code de acesso ao video	 https://www.youtube.com/watch?v=SBKip04HCdU
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mão número de 32, 45, 40 e 98. P.A.: No espaço neutro frente ao corpo e boca. M: Multidirecional. O: Para direita, para cima e para o corpo. ENM: Sim. Na boca.

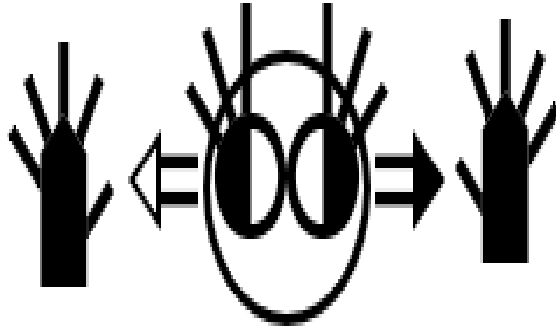
	Cacau
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=61866
QR Code de acesso ao video	 https://www.youtube.com/watch?v=TJuTYS7KRvY
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mão número de 111, 46, 52 e 39. P.A.: No espaço neutro acima do ombro, a frente do corpo e na boca. M: Multidirecional. O: Para direita, para esquerda e para o corpo. ENM: Sim, na boca.

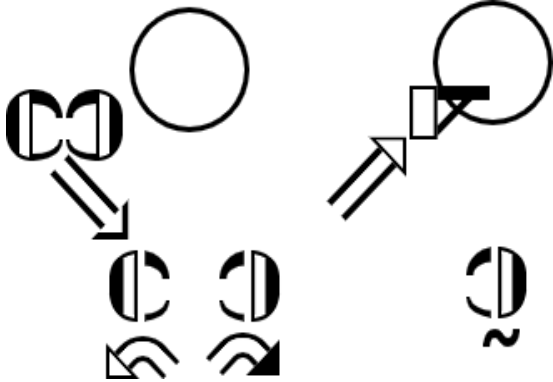
Caju	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=61855
QR Code de acesso ao video	 https://www.youtube.com/watch?v=Oq6Xbd-EVQ
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mão número de 11 e 51. P.A.: No espaço neutro e na lateral da mão direita. M: Movimento do pulso em rotação e Unidirecional. O: Para baixo e para o corpo. ENM: Estático.

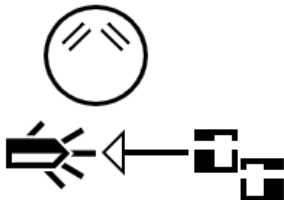
Castanha do Brasil	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=61885
QR Code de acesso ao video	 https://www.youtube.com/watch?v=AqY2KHgCKpE
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mão número de 98 e 45. P.A.: No espaço neutro e boca. M: Bidirecional. O: Para baixo, para esquerda e para direita. ENM: Sim, na boca.

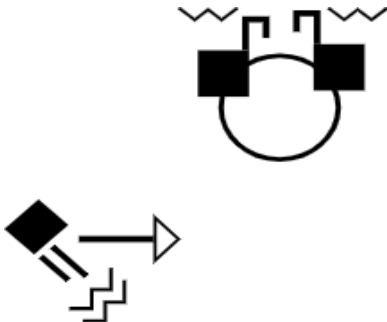
Chicha	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=61877
QR Code de acesso ao video	 https://www.youtube.com/watch?v=jg5sD6fGIK4
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mão número de 46 P.A.: No Espaço neutro a frente do corpo e boca. M: Circular e unidirecional. O: Para direita, para esquerda e para o corpo. ENM: Sim, na boca.

Coco	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=61856
QR Code de acesso ao video	 https://youtu.be/8eEfUcXuZoQ?si=NYP28ku4nzM-XEC5
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mão número de 32 e 51. P.A.: No espaço neutro, toque entre a palma e o lado da mão esquerda e boca. M: Bidirecional. O: Para esquerda e para baixo. ENM: Sim, na boca.

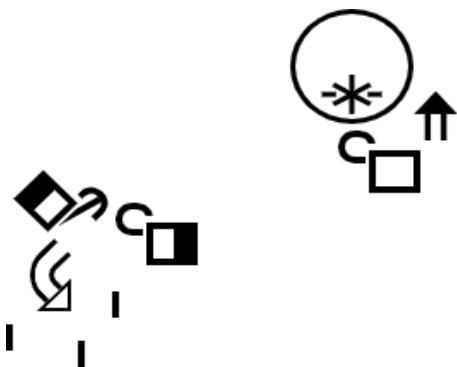
Coruja	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=61871
QR Code de acesso ao video	 https://www.youtube.com/watch?v=HEqn9b2wr70
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mão número de 84 e de 35. P.A.: Ao redor dos olhos (icônicos). M: Movimento Interno das Mãos e Movimento Direcionais no Espaço. O: Para frente. ENM: Sim, nos olhos.

Cupuaçu	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=61865
QR Code de acesso ao vídeo	 https://www.youtube.com/watch?v=LNnCcGWTPsOc
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mão número de 38 e 52. P.A.: No espaço neutro acima do ombro, a frente do corpo e boca. M: Multidirecional. O: Para direita, para esquerda, para cima e para o corpo. ENM: Sim, na boca.

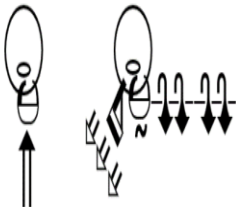
Flecha	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=61872
QR Code de acesso ao vídeo	 https://www.youtube.com/watch?v=YVjAjJ4grl4
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mão número de 111 e 35 P.A.: No espaço neutro, a frente do corpo na altura do ombro. M: Unidirecional. O: Para direita e para o corpo. ENM: Estático.

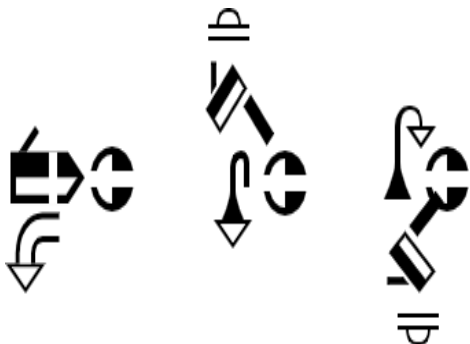
Formiga	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=61861
QR Code de acesso ao vídeo	 https://www.youtube.com/watch?v=Iy5rJ1MNV_Q
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mão número de 01 e 12. P.A.: No espaço neutro a frente do corpo e na cabeça (icônico). M: Movimentos Direcionais no Espaço e Bidirecional. O: Para baixo e para frente. ENM: Estático.

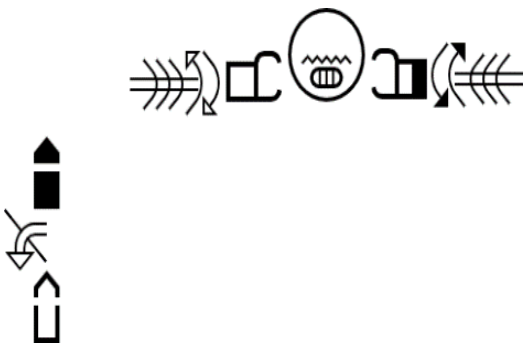
Gongo	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=61853
QR Code de acesso ao vídeo	 https://www.youtube.com/watch?v=tU-abVEHm7U
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mão número de 106. P.A No espaço neutro a frente da boca.. M: Circular. O: Para baixo. ENM: Sim, na boca e língua.

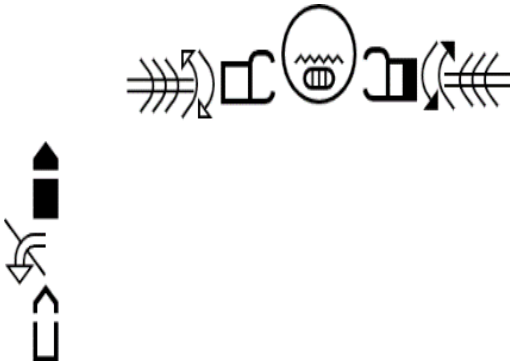
Jabotá	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=61864
QR Code de acesso ao vídeo	 https://www.youtube.com/watch?v=DgDu8Ragn1M
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mão número de 98 e 99. P.A.: No espaço neutro, toque entre dedos das mãos e boca. M: Multidirecional. O: Para direita, para esquerda e para o corpo. ENM: Sim, na boca.

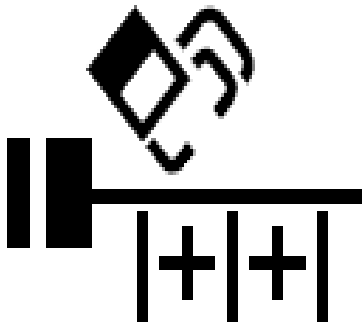
Lua	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=61870
QR Code de acesso ao vídeo	 https://www.youtube.com/watch?v=I8yx3LjkGfg
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mão número de 106 e 40 P.A.: No espaço neutro a afrente do corpo e na bochecha. M: Angular e Bidirecional. O: Para frente, para baixo, para cima e para baixo. ENM: Sim, nos olhos.

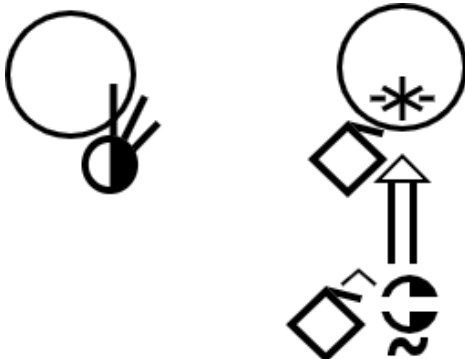
Manga	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=61886
QR Code de acesso ao vídeo	 https://www.youtube.com/watch?v=q4BzdENbTRo
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mão número de 45 e 52. P.A.: No espaço neutro a frente da boca. M: Multidirecional. O: Para o corpo. ENM: Sim, na boca.

Melancia	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=61854
QR Code de acesso ao vídeo	 https://www.youtube.com/watch?v=6qmFCcbgfAQ
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mão número de 32, 57 e 51. P.A.: No espaço neutro a frente do corpo (icônico) M: Multidirecional/ Movimentos Direcionais no Espaço. O: Para o corpo e para esquerda. ENM: Estático.

Milho	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=61867
QR Code de acesso ao vídeo	 https://www.youtube.com/watch?v=vo_eRqmuJ94
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mão número de 101. P.A.: No espaço neutro a frente da boca.. M: Movimento do Pulso e Circular. O: Para direita e para esquerda. ENM: Sim, na boca.

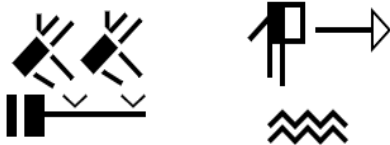
Milho Assado	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=61868
QR Code de acesso ao vídeo	 https://www.youtube.com/watch?v=e5bDywY6Nhc
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mão número de 40 e 101. P.A.: No espaço neutro a frente do corpo e a da boca. M: Multidirecional e Circular. O: Para baixo, para cima, para direita e para esquerda. ENM: Sim, na boca.

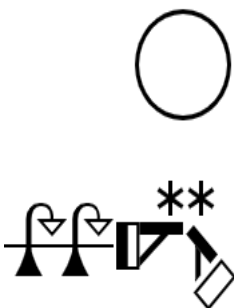
Papagaio	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=61876
QR Code de acesso ao video	 https://www.youtube.com/watch?v=FZgnzw3Rpdo
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mão número de 21 P.A.: No espaço neutro e antebraço. M: Angular e Unidirecional. O: Para baixo. ENM: Estático.

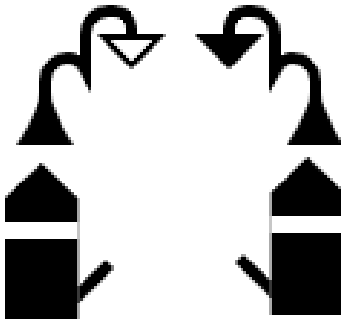
Patauá	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=61869
QR Code de acesso ao vídeo	 https://www.youtube.com/watch?v=JgBtK3mHfzY
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mão número de 84, 51 e 108. P.A.: No espaço neutro, toque com polegar na mão esquerda e na boca. M: Movimento Interno da Mão e Bidirecional. O: Para frente, para baixo e para o corpo. ENM: Sim, na boca.

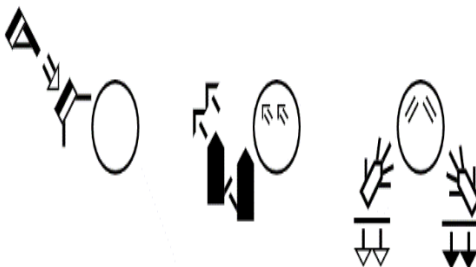
Peixe	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=61857
QR Code de acesso ao vídeo	 https://www.youtube.com/watch?v=ju7qwxXsT0g
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mão número de 40. P.A.: No espaço neutro a frente do corpo. M: Sinuoso. O: Para esquerda. ENM: Sim, na boca.

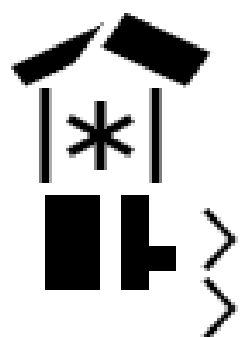
Periquito	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=61862
QR Code de acesso ao vídeo	 https://www.youtube.com/watch?v=Hs5auD44Cw8
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mão número de 103, 104 e 106 P.A.: A frente da boca. M: Movimento Interno da Mão. O: Para baixo. ENM: Sim, na boca.

Porquinho da Índia	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=61875
QR Code de acesso ao vídeo	 https://www.youtube.com/watch?v=QFqNdf2Xths
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mão número de 106 e 12 P.A.: Antebraço e espaço neutro a frnete do corpo . M: seta para cima e mão direita para esquerda. O: Unidirecional e Movimentos Direcionais no Espaço. ENM: Estático.

Pupunha	
Sinal	
Escrita de Sinais	  https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=61883
QR Code de acesso ao vídeo	 https://www.youtube.com/watch?v=3oKQniMohAo
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mão número de 52. P.A.: No espaço neutro a frente do corpo, toque entre os dedos e boca. M: Bidirecional. O: Para baixo e para o corpo. ENM: Sim, na boca.

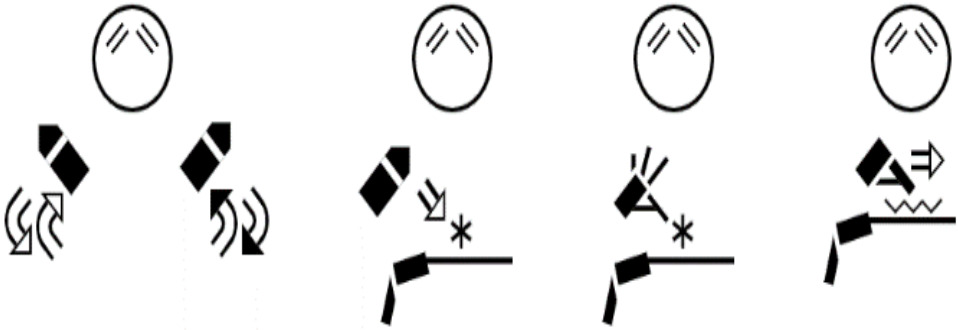
Sapo	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=61859
QR Code de acesso ao vídeo	 https://www.youtube.com/watch?v=SVjxb8rS9Vo
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mão número de 40. P.A.: No espaço neutro frente ao corpo. M: Sinuoso. O: Para baixo. ENM: Estático.

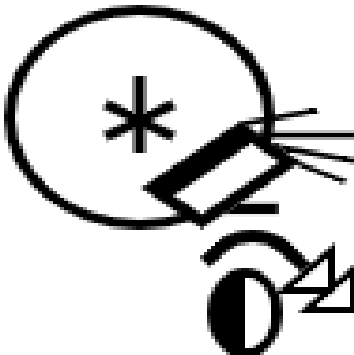
Sol	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=61874
QR Code de acesso ao vídeo	 https://www.youtube.com/watch?v=_7obetZtZMY
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mão número de 52 e 35 P.A.: No espaço neutro acima da cabeça e a frente do corpo na altura do pescoço. M: Multidirecional. O: Para baixo, para frente e para o corpo. ENM: Sim, no rosto todo.

Tartaruga	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=61858
QR Code de acesso ao vídeo	 https://www.youtube.com/watch?v=uu_YENZAqOo
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mão número de 110 e 56. P.A.: No espaço neutro a frente do corpo e no dorço da mão. M: Movimento Interno da Mão. O: Para baixo. ENM: Estático.

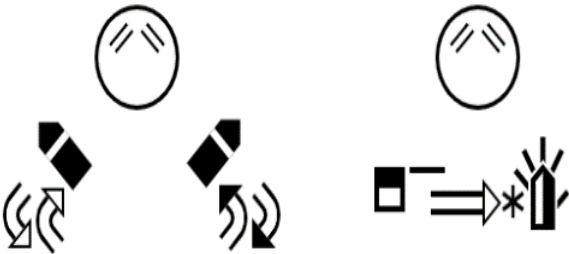
Fonte: Adaptado pela autora, 2025.

Quadro 05: Registro dos Sinais da LIPSS - Rosiane (não indígena)

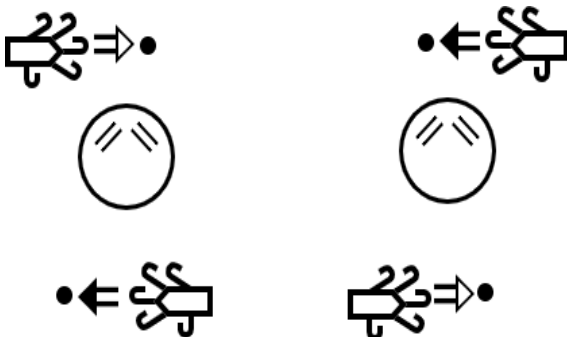
Abelha	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=62014
QR Code de acesso ao vídeo	 https://youtu.be/xoHQ9vZ20dA
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mãos número 40, 08 e 98. P.A.: No espaço neutro e no antebraço. M: Direcionais no espaço e Unidirecional. O: Para baixo. ENM: Sim, expressão facial.

Anta	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=62022
QR Code de acesso ao vídeo	 https://youtu.be/JBut4LQUAaE
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mãos número 35. P.A.: No rosto próximo a bochecha e nariz. M: Circular, em forma de círculo. O: Para frente e para baixo. ENM: Estático.

Arara	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=62023
QR Code de acesso ao vídeo	 https://youtu.be/vv9m1TKgrNc
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mãos número 101. P.A.: Próximo ao nariz e a frente da boca. M: Movimento interno da mão, dobrando o polegar e o indicador. O: Para baixo. ENM: Sim, nos lábios.

Arraia	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=62024
QR Code de acesso ao vídeo	 https://youtu.be/c2m_t5AtBQc
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mão número 40, 01 e 35. P.A.: No espaço neutro e na palma da mão. M: Bidirecional e Unidirecional. O: Para baixo e para direita. ENM: Estático.

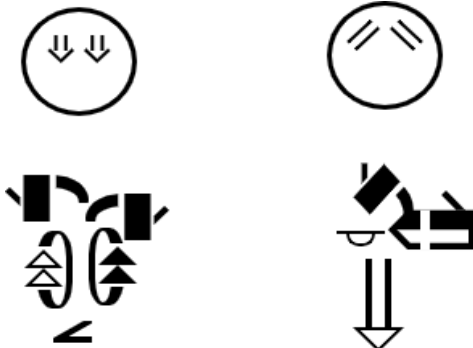
Beija-flor	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=62025
QR Code de acesso ao vídeo	 https://youtu.be/fA1BIg6i91A
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mão número 01, 38, 40 e 104. P.A.: Palma da mão, espaço neutro e boca. M: Retilíneo, Unidirecional, Multidirecional e Movimento interno da mão, tocando o polegar e o indicador. O: Para o corpo e para baixo. ENM: Sim, nos lábios.

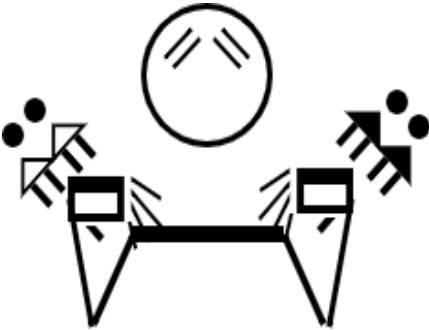
Bicho-preguiça	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=62026
QR Code de acesso ao vídeo	 https://youtu.be/DozHZZ_yjv0
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mãos número 35 e 111. P.A.: Espaço neutro altura da cabeça e do peito (icônico) M: Simétrico, simultâneo/alternado, semicircular para frente. O: Para o corpo. ENM: Estático.

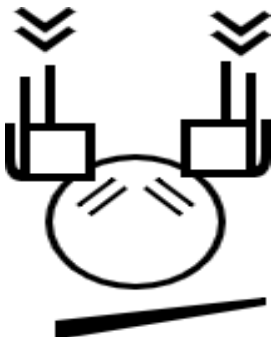
Boi	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=62027
QR Code de acesso ao vídeo	 https://youtu.be/sWI6rzcp6Cw
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mãos número 1. P.A.: Na cabeça. M: Estático. O: Para frente. ENM: Estático.

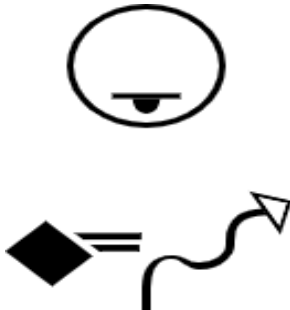
Burro	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=62028
QR Code de acesso ao vídeo	 https://youtu.be/eZnYPnJtmfE
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mãos número 12 e 14. P.A.: Na cabeça (icônico). M: Bidirecional, Movimento interno da mão, dedos e polegares. O: Para frente. ENM: Estático.

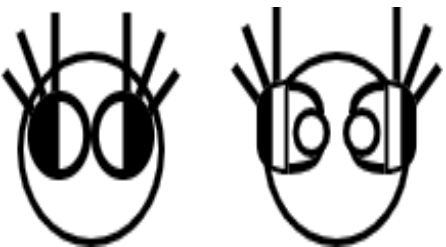
Cachorro	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=62029
QR Code de acesso ao vídeo	 https://youtu.be/DHh_JbI2DRw
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mão número 38 e 51. P.A.: Espaço neutro (icônico). M: Movimento direcional no espaço. O: Para frente. ENM: Estático.

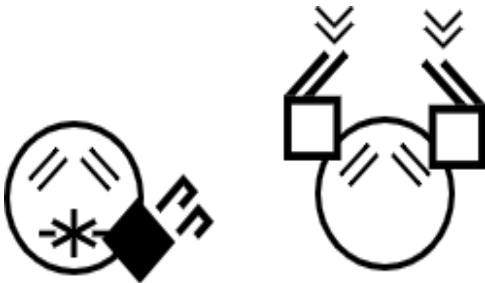
Calango	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=62050
QR Code de acesso ao video	 https://youtu.be/Skov0ZNwzT8
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mão número 40 e 41. P.A.: Espaço neutro. M: Unidirecional. O: Para baixo e para o corpo. ENM: Estático.

Capivara	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=62030
QR Code de acesso ao video	 https://youtu.be/VT1cjYqiPnQ
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mão número 39 e 58. P.A.: Nos ombros. M: Movimentos direcionais no espaço O: Para baixo e para o corpo. ENM: Estático.

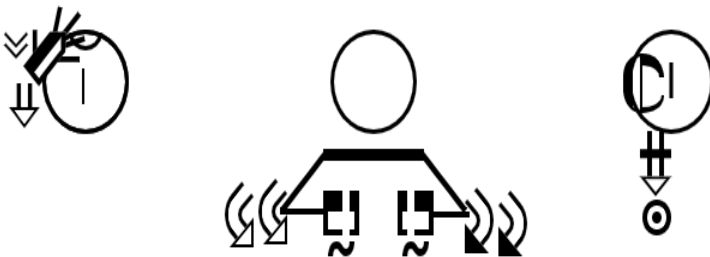
Cavalo	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=62031
QR Code de acesso ao vídeo	 https://youtu.be/Y0hFuLF19Lo
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mão número 12 e 13. P.A.: Na cabeça. M: Unidirecional. O: Para o corpo e para baixo. ENM: Estático.

Cobra	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=62032
QR Code de acesso ao vídeo	 https://youtu.be/0Lbz8XXPpX8
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mão número 12. P.A.: Espaço neutro. M: Sinuoso e Unidirecional. O: Para baixo. ENM: Sim, expressão facial na boca e língua.

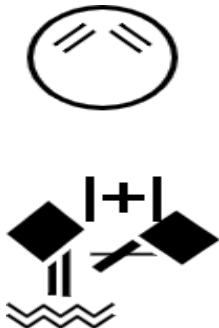
Coruja	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=62033
QR Code de acesso ao vídeo	 https://youtu.be/jQyPaYjpbVc
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mão número 84 e 86. P.A.: Ao redor dos olhos (icônicos). M: Movimento interno das mãos. O: Para frente. ENM: Sim, expressão facial nos olhos.

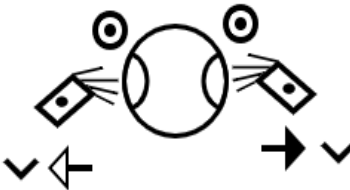
Cutia	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=62034
QR Code de acesso ao vídeo	 https://youtu.be/Zmi7aaHH3RA
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mão número 13 e 12. P.A.: Boca e cabeça. (icônico). M: Unidirecional. O: Para baixo e para o corpo. ENM: Estático.

Galinha	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=62035
QR Code de acesso ao vídeo	 https://youtu.be/nP6MLRg3jLg
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mão número 40 e 34. P.A.: Cabeça e espaço neutro. M: Movimento interno das mãos. O: Para o corpo e para baixo. ENM: Estático.

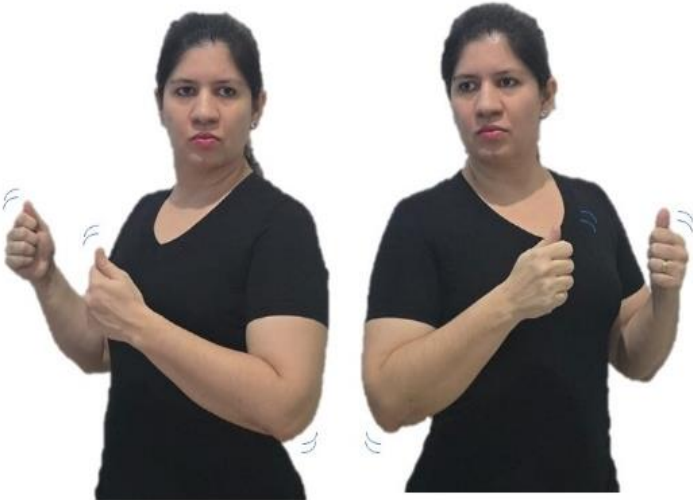
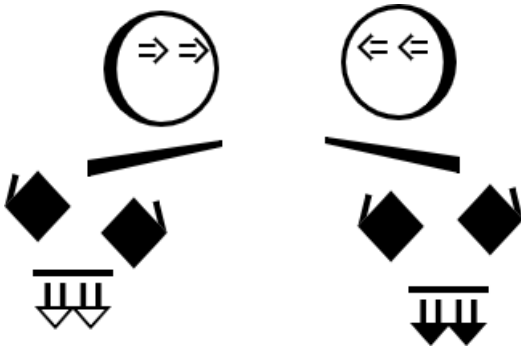
Galo	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=62061
QR Code de acesso ao vídeo	 https://youtu.be/IhckCiEz3ew
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mão número 35, 111 e 46. P.A.: Testa, espaço neutro e nariz. M: Unidirecional, O: Para direita e para baixo. ENM: Estático.

Gamba	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=62036
QR Code de acesso ao vídeo	 https://youtu.be/drdynB73IpM
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mão número 41. P.A.: Espaço neutro a frente do nariz. M: Bidirecional. O: Para baixo. ENM: Sim, no nariz.

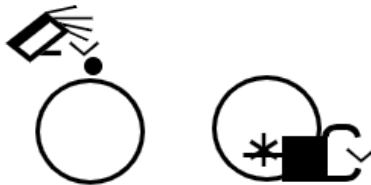
Garça	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=62037
QR Code de acesso ao video	 https://youtu.be/CqNRtOFJZjI
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mão número 10 e103. P.A.: Espaço neutro. M: Bidirecional. O: Para baixo. ENM: Estático.

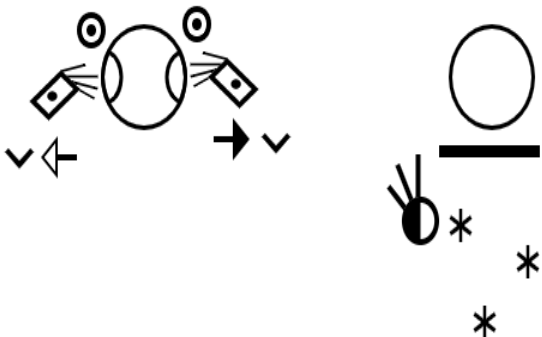
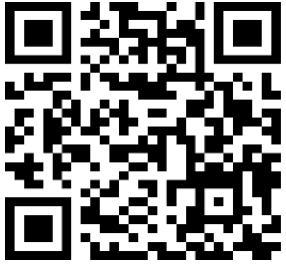
Gato	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=62116
QR Code de acesso ao video	 https://youtu.be/y4els4HzP7g
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mão número 39 e 58. P.A.: No rosto e bochechas. M: Movimento interno das mãos. O: Para o corpo. ENM: Estático.

Jacaré	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=62038
QR Code de acesso ao vídeo	 https://youtu.be/pC8UOMgL0q4
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mão número 38 e 51. P.A.: Espaço neutro em frente ao corpo e atrás da cabeça até a nuca. M: Bidirecional, Angular, Sinuoso. O: Para cima, para baixo e para o corpo. ENM: Estático.

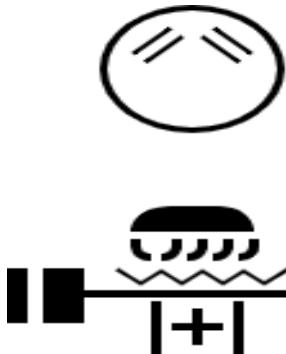
Macaco-Barrigudo	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=62123
QR Code de acesso ao vídeo	 https://youtu.be/8ZRp3bmK8TA
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mão número 108. P.A.: Espaço neutro. M: Bidirecional e Direcionais no espaço. O: Para o corpo. ENM: Estático.

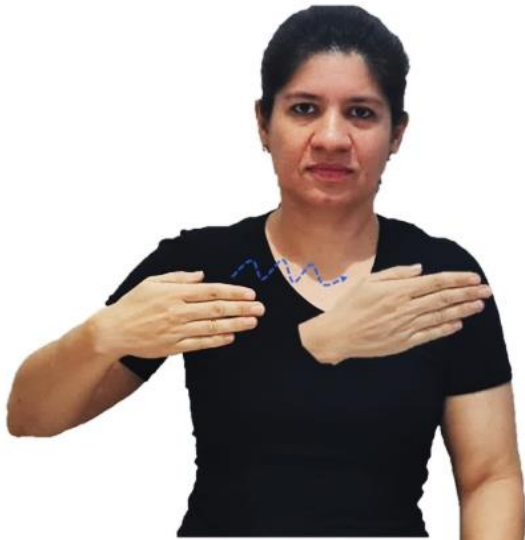
Macaco da Noite	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=62039
QR Code de acesso ao vídeo	 https://youtu.be/TbuqzONQUHE
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mão número 99 e 100. P.A.: Ao redor dos olhos (icônicos). M: Movimento interno das mãos, polegar e indicador. O: Para direita e para esquerda. ENM: Sim, nos olhos.

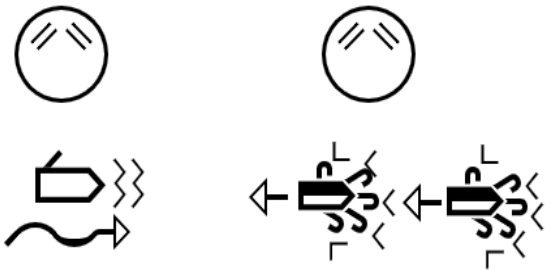
Mutum	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=62040
QR Code de acesso ao vídeo	 https://youtu.be/_Aun7uXBTs8
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mão número 39, 58 e 100. P.A.: Cabeça e nariz M: Movimento interno das mãos. O: Para esquerda e para baixo. ENM: Estático.

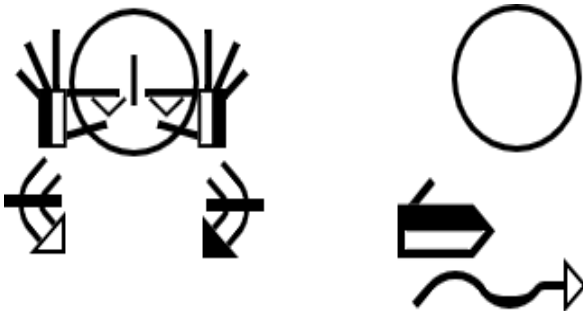
Onça	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=62117
QR Code de acesso ao vídeo	 https://youtu.be/9ruTSKl-S0g
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mão número 39, 58 e 84. P.A.: Rosto, bochecha e corpo. M: Movimento interno das mãos e Multidirecional. O: Para o corpo e para baixo. ENM: Estático.

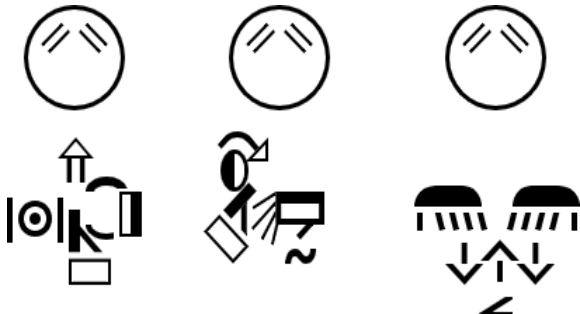
Paca	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=62041
QR Code de acesso ao vídeo	 https://youtu.be/JZtszmKoAIw
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mão número 11 e 13. P.A.: Rosto e nariz. M: Bidirecional e Movimento interno das mãos. O: Para frente. ENM: Estático.

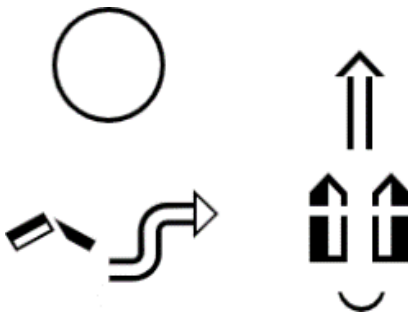
Papagaio	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=62042
QR Code de acesso ao vídeo	 https://youtu.be/HcE-l53PQDk
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mão número 38. P.A.: No antebraço. M: Movimento interno da mão. O: Para baixo. ENM: Estático.

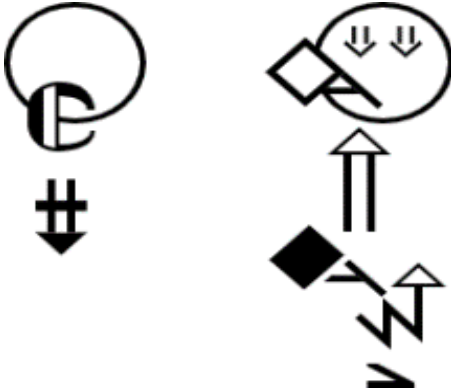
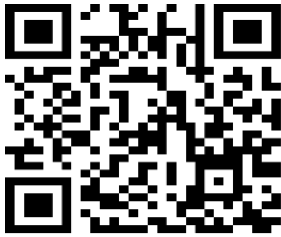
Peixe	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=62043
QR Code de acesso ao vídeo	 https://youtu.be/dsFWwobj624
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mão número 40. P.A.: Espaço neutro. M: Sinuoso e Unidirecional. O: Para o corpo. ENM: Estático.

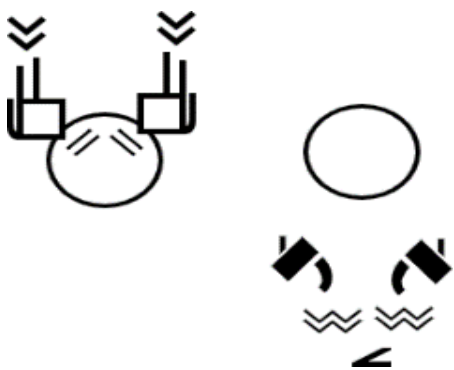
Peixe Elétrico	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=62044
QR Code de acesso ao vídeo	 https://youtu.be/ZYaqPozdZuA
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mão número 40, 38 e 37. P.A.: No espaço neutro. M: Sinuoso, Bidirecional e Movimento interno da mão. O: Para o corpo e para esquerda. ENM: Estático.

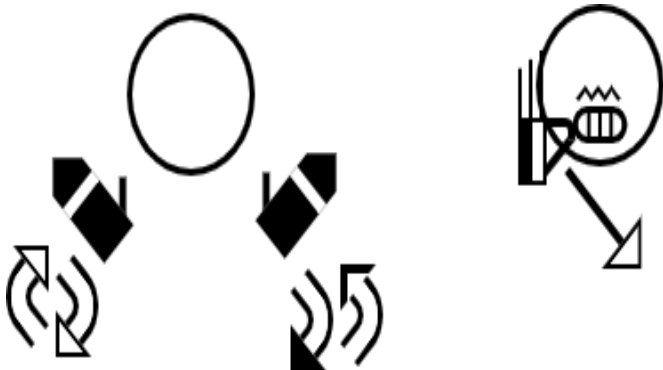
Peixe Pintado	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=62045
QR Code de acesso ao video	 https://youtu.be/slBHMIgqo50
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mão número 90 e 40. P.A.: Rosto, nariz e espaço neutro. M: Interno das mãos, Sinuoso e Unidirecional. O: Para frente e para o corpo. ENM: Estático.

Rato	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=62056
QR Code de acesso ao vídeo	 https://youtu.be/Z75JhTO7PDw
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mão número 38 e 39. P.A.: Palma da mão, dorço da mão e espaço neutro. M: Bidirecional. O: Para o corpo e para baixo. ENM: Estático.

Rio	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=62118
QR Code de acesso ao vídeo	 https://youtu.be/isNDK1umHVE
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mão número 57, 40 e 41. P.A.: Espaço neutro. M: Sinuoso e Unidirecional. O: Para baixo, para esquerda e para direita. ENM: Estático.

Tamanduá Caseiro	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=62119
QR Code de acesso ao vídeo	 https://youtu.be/rwflgFh6fCk
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mão número 46 e 106. P.A.: Boca e epaço neutro M: Unidirecional, Bidirecional e Sinuoso. O: Para baixo e para o corpo. ENM: Sim, na boca.

Tatu	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=62120
QR Code de acesso ao vídeo	 https://youtu.be/GVskNzhB4-8
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mão número 23 e 57. P.A.: Na cabeça e no espaço neutro a frente do corpo. M: Movimento interno das mãos e movimentos direcionais no espaço. O: Para o corpo e para baixo. ENM: Sim, na boca.

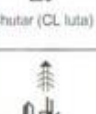
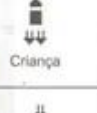
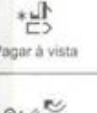
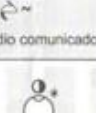
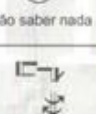
Urubu	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=62121
QR Code de acesso ao vídeo	 https://youtu.be/GtaA1sLn5MM
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mão número 40 e 84. P.A.: Espaço neutro e nariz. M: Bidirecional e Angular. O: Para baixo e para frente. ENM: Sim, boca e dentes.

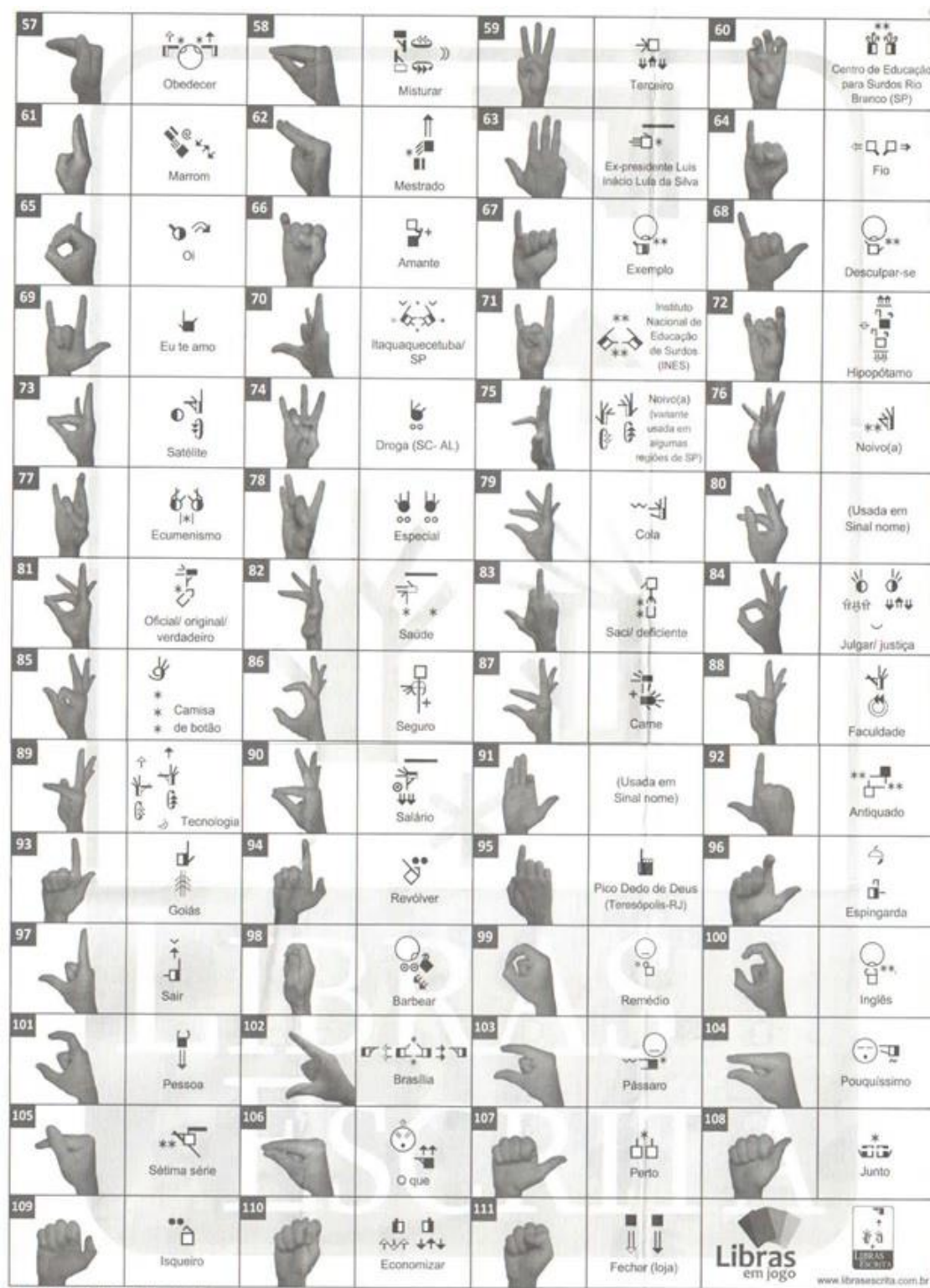
Veado	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=62046
QR Code de acesso ao vídeo	 https://youtu.be/4PCLVcWKwHU
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mão número 01. P.A.: Cabeça e espaço neutro. M: Multidirecional. O: Para baixo e para frente. ENM: Estático.

Paiter Suruí	
Sinal	
Escrita de Sinais	 https://www.signbank.org/signpuddle2.0/canvas.php?ui=12&sgn=46&sid=62122
QR Code de acesso ao vídeo	 https://youtu.be/YTkJj7ciMEE
Parâmetro de Configuração	CM: Configuração de mão número 27 e 10. P.A.: No centro do torax. M: Unidirecional. O: Para baixo. ENM: Estático.

Fonte: Adaptado pela autora, 2025.

Tabela de Configurações de Mãos

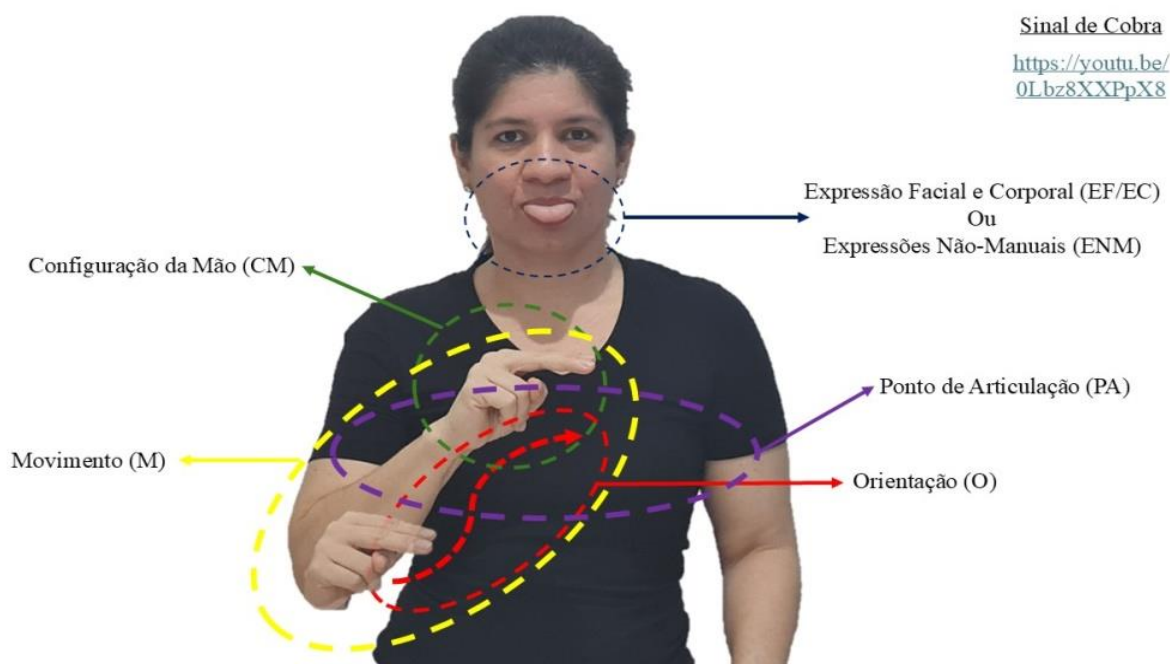
01		Solidão	02		Domingo	03		Presidenta Dilma Rousseff	04		Dinossauro
05		Roteador (informática)	06		Meia	07		Mentira	08		Combinar
09		Mil	10		Provisório	11		Futebol de salão	12		Nome
13		Cadeira	14		Norte	15		Restaurante	16		Dinamarca
17		Injeção	18		Botão direito do mouse (informática)	19		Chutar (CL luta)	20		Vencer
21		Castor roendo um tronco (CL)	22		Veneno	23		Lagartixa	24		América latina
25		Vender	26		Clipes	27		Pato	28		Procurar
29		Chaves (Seriado da Televisão)	30		Quarta-feira	31		Arado	32		Brasil
33		Intervalo entre aulas	34		Europa	35		Oi/olá/tchau	36		Rico
33		Intervalo entre aulas	34		Europa	35		Oi/olá/tchau	36		Rico
37		Chuva	38		Grupo	39		Mexer	40		Criança
41		Sapato	42		Fugir	43		Maconha	44		Pagar à vista
45		Bola grande	46		Comunicação	47		Rádio comunicador	48		Abacate
49		Coração partido	50		Sexta-feira	51		Não saber nada	52		Tentar/ experimental
53		Falar oralmente	54		Verba pequena	55		E-mail	56		Barco



Fonte: Indira Stedile

Nesta seção, apresentamos um conjunto de imagens registradas durante a pesquisa, documentando os sinais da Língua Indígena Paiteer Suruí de Sinais (LIPSS). Essas imagens reforçam a “iconicidade dos sinais”, permitindo uma visualização clara de sua estrutura e uso dentro da comunidade.

Figura 01 - Parâmetros da LIPSS



Fonte: Elaborado pela autora, maio de 2025.

A imagem foi produzida para melhor compreensão e execução dos sinais da LIPSS. Depois de muito estudo sobre as LIS e leituras sobre as comunidades indígenas que têm indígenas surdos, também em contato com o professor indígena Ibobinha, foi possível criar este parâmetro da LIPSS.

3 HISTÓRICO DA COMPREENSÃO DAS LÍNGUAS INDÍGENAS

Ao percorrer o processo histórico da busca por compreender a língua indígena, no sentido macro, percebemos as consequências cristalizadas por conta da colonização dos povos indígenas, em seus territórios, conforme nos apresenta Alcida Rita Ramos (1986). Um dos aspectos que a autora propõe está pontuado na imagem que os “desbravadores” criam a respeito dos povos que viviam nessas sociedades.

São postulados argumentos sobre inúmeros mitos, crendices que dividem, separam, colocam um sentimento de cuidado forçado às extensões territoriais e culturais destes povos, em seus ambientes de vivência, pois, “o modelo ocidental de propriedade individual não foi adotado pelas sociedades indígenas” (Ramos, 1986, p. 14).

Uma vez dito que para os indígenas, “[...] o significado de territorialidade não é o mesmo que para as populações nacionais que as rodeiam” (Ramos. 1986, p. 20), nos focaremos em um dos elementos essenciais no disseminar das culturas indígenas aos seus descendentes, a “língua”.

A língua é um objeto de disputa na medida em que os grupos dominantes tendem a impor aos demais, como as únicas aceitáveis e corretas, as convenções linguísticas que lhes são particulares. O mito da língua homogênea como elemento da identidade social de um grupo, sobretudo a língua nacional, resulta desse tipo de esforço”.

As línguas indígenas no Brasil, desde o período da colonização, assim como a territorialidade indígena, sob uma ou outra justificativa, são destaque de interesse, sendo a língua o objeto de estudos entre linguistas e antropólogos. Constantemente, analisam, investigam e colonizam os registros dentre outras categorias dos elementos culturais.

Deste modo, é possível encontrarmos diferentes estudos das línguas indígenas, dentre elas existe também a língua indígena de sinais, constituídas em algumas etnias indígenas brasileiras.

No campo das Línguas Indígenas de Sinais, existem pesquisas linguísticas, mapeamento de bacias semânticas, levantamentos lexicográficos das línguas indígenas, demais contextos linguísticos em condições de serem analisada enquanto língua, além de contribuírem no registro das características culturais de cada povo.

Informações fornecidas pelo museu do índio, estado do Rio de Janeiro, afirmam que no Brasil há registros da existência de mais de 305 etnias indígenas e cerca de 274 línguas indígenas diferentes. Ainda hoje, a população reivindica a preservação de seus territórios, suas histórias, suas culturas e por espaços interculturais de direito.

As línguas indígenas no Brasil têm o amparo legal quanto ao seu uso em suas comunidades e relações sociais, em sua maioria segue derivações do tronco linguístico Tupi, Guarani, Xavantes entre outras. É possível encontrar estudos neste mesmo campo realizados em países vizinhos, principalmente a respeito da família linguística da etnia Guarani, devido aos contextos geopolíticos desse povo.

Tais estudos seguem pelo viés da interculturalidade, este termo por sua vez, tem amparo nos documentos estruturantes do Ministério da Educação - MEC, entretanto, ainda tímido nas ações de modo efetivo.

Ainda, no período de pesquisas para a construção da dissertação de mestrado, essa autora teve a oportunidade de se reconhecer através da pesquisa etnográfica, sua ancestralidade guarani. E, neste contexto, merece relevância para a realização deste estudo, por se tratar de uma identidade ancestral ainda não cultuada pela própria autora que redige esse texto.

Antes de retomarmos o foco e objetivo desse estudo, nos localizamos quanto aos povos guaranis, sucintamente. São quatro, os principais grupos da etnia guaranis que se diversificam em sua regionalidade, língua, rituais entre outros fatores.

Um ponto de vista que propuseram esse estudo foi a teoria encontrada na pesquisa de doutorado de Carolina María Rodríguez Zuccolillo, ela se baseia no quadro da Análise do Discurso, elaborada no Brasil a partir dos trabalhos de Michel Pêcheux. Zuccolillo (2000), em seu trabalho analisa fatos no processo de Gramatização da língua oral indígena da etnia/povo Guarani.

Essa foi uma das exposições que gerou as indagações para a construção dos resultados deste estudo. Justamente, pela complexidade territorial de investigar a culturalidade dos indígenas da etnia guarani.

Atentemo-nos durante a pesquisa, compreender o processo de gramatização das Línguas Indígenas de Sinais na Amazônia. Tratamos da língua na modalidade visual motora.

No Brasil, as línguas orais indígenas são plurais devido à variedade de etnias indígenas. As Línguas Indígenas de Sinais acompanham aspectos linguísticos, semânticos e culturais relacionados à cultura da comunidade do sinalizante, que seguem padrões conforme suas relações culturais na sociedade de contato. Assim, seguimos em dissertar especificamente, a respeito da Gramatização da Língua Indígena Paiter Suruí de Sinais.

Podemos citar muitos textos a respeito das línguas de sinais, contudo, nosso estudo, prioritariamente, foca na linguística aplicada aos fenômenos culturais como referência.

David Kaique (2024), pesquisador indígena do povo Pataxó Hãhãhãe enfatiza a Identidade Indígena Surda e estabelece a ordem Língua Indígena de Sinais - LIS mudando de LSI para LIS, também analisou e comprovou em seus estudos a Língua Indígena Pataxó de Sinais - LIPS através do movimento indígena e da formação escolar de Karina uma aluna Indígena Pataxó Surda. Shirley Vilhalva (2009), autora surda, foi uma das precursoras no campo dos estudos que tange o mapeamento das

línguas de sinais do povo Guarani Kaiowá em Mato Grosso do Sul, seguindo os passos de Lucinda Brito (1993) que pesquisou a Língua Indígena Ka'apor de Sinais, Marisa Girolett (2008) que pesquisou a Língua Indígena Kaingang de Sinais.

No decorrer deste texto trabalharemos outros autores que tratam da abordagem etnolinguística, dentre outros autores relevantes que também destacam as Línguas Indígenas de Sinais sob outras abordagens. Como alguns estudos organizados por Quadros et al. (2006; 2007; 2008; 2009), e outras produções no campo dos Estudos Surdos Perlin (2003; 2015), Skliar (2015), Strobel (2007; 2008), dos quais compreendemos os conceitos da cultura e identidade surda.

Aprofundaremos no referencial teórico de Mindlin (1985) que trata da cultura e identidade indígena dentro do aspecto antropológico, com possibilidades de visitar pesquisas com como indígenas Paiter Suruí e os escritores e pesquisadores pertencentes à própria cultura Paiter Suruí Joaton Suruí (2014), Gasodá Suruí (2010), Pawah Suruí (2015), Rubens Narairoe Suruí (2014), pela legitimidade cultural apresentada por quem vive a cultura Paiter Suruí.

Buscamos dar ciência ao processo de Gramatização da Língua Indígena Paiter Suruí de Sinais, pela fluidez de uma língua que se caracteriza, relevantemente, pelos aspectos linguísticos, semânticos, pragmático, sintáticos, morfológico fonéticos e fonológico dentro das influências culturais do povo falante e seu uso no contexto social.

Todavia, essas perspectivas nos serviram de pressupostos para indagar a respeito da gramatização das línguas de sinais, dentro da comunidade indígena Paiter Suruí.

O que é a Gramatização de uma língua? Existe um processo de Gramatização da Língua Indígena Paiter Suruí de Sinais? Os registros já existentes realizados através de estudos e mapeamento da LIPSS podem ser considerados o contribuir para a gramatização da língua?

Sendo assim, ampliamos a possibilidade de reflexão diante dos atuais instrumentos de registro de uma língua nos glossários, dicionários e gramática de uma língua oral para compreender se os mesmos instrumentos cabem nas categorias da língua de sinais indígenas?

A etnia indígena Paiter Suruí tem uma língua de sinais estabelecida, devido a comunidade indígena surda que são oriundas daquele território, para a linguística, se há duas pessoas que se comunicam através de códigos linguísticos e são compreendidas e se fazem compreender o resultado é a constituição de uma língua.

Nesse contexto, a sistematização dos registros visuais através do uso cotidiano dessa língua, a categorização destes registros pode amparar no reconhecimento da língua por meios legais e oficiais.

Não investigamos especificamente o quão importante, ou seja, é de interesse para a comunidade Paiter Suruí, o reconhecimento da língua de sinais e se seus registros oficializados, todavia, sabemos que por tradição as histórias indígenas são repassadas de forma oral, e as produções científicas de hoje contribuem para a não extinção das línguas indígenas.

O Povo Suruí está distribuído em diferentes territórios, nossa pesquisa se remete à terra indígena Sete de Setembro no município de Cacoal, no Estado de Rondônia. Nesta comunidade, comprovam a existência de um grupo de indígenas surdos, e os primeiros registros científicos da língua de sinais Paiter Suruí através de um grupo de estudos vinculado ao programa de pós-graduação em letras (PPGL) pela Universidade Federal de Rondônia - UNIR.

Esse grupo mapeou os sinais utilizados dentro da comunidade indígena Paiter Suruí por pessoas sinalizantes nas categorias relacionados a contextos escolares, familiar e social, respectivamente, esses estudos iniciaram por COLADINE; ELLER; e GIL (2017), sob a orientação do professor doutor membro do PPGL/UNIR João Carlos Gomes.

Embora a análise do discurso tenha nos inspirados a refletir a relevância do tema abordado nesse texto, nossa pesquisa segue norteado pela metodologia dos estudos culturais pós-críticos, ancorado dos estudos surdos com Shirley Vilhalva (2009), Karin Strobell (2016), Gladis Perlin (2009) e Ronice Quadros (2004), entre outros.

Para compreendermos o que é a Gramatização de uma língua, precisamos fazer um breve resgate histórico. Na Idade Média, a gramática se sustentava no atender aos interesses estéticos e literários, somente. O difundir da gramática teve interesse político, devido a formação dos Estados europeus, com isso surgiu a necessidade de uma “língua padrão”, para efeito de colonização.

Surge a partir daí uma política linguística, uma técnica para o aprendizado de línguas, consolidando-se como importante ferramenta na relação dos europeus com povos dominados.

As pesquisas quanto ao conceito de gramatização nos levam a Auroux, 2009, perspectiva da análise do discurso, que defende como “o processo que conduz a

descrever e a instrumentar uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares de nosso saber metalinguístico: a gramática e o dicionário.” Ou seja, o que se defende por gramatização estava ligada ao modo da língua escrita, e seus instrumentos determinam o poder, para quem detém o conhecimento técnico de como escrever a língua falada, para isso define-se as regras. O uso da gramática e do dicionário apresenta os significados das convenções linguísticas e seus significantes.

No Brasil, “pós-período de colonização”, seguimos para a formação da nação. Em Aquino, 1985, a questão da língua nacional, o reconhecimento de uma identidade linguística brasileira é o que corresponde a gramatização, com os sentidos da expressão “língua materna” aponta a legitimação de um saber sobre a língua portuguesa no país.

Após inserirmos o conceito do termo gramatização de língua, temos a definição por Alcida,

“Neste país de tantas línguas e culturas, a luta dos povos indígenas, é pelo reconhecimento de que suas línguas e as suas culturas são tão válidas quanto a língua portuguesa e a dita ‘cultura brasileira’, em si mesma já tão diversificada.” (RAMOS, 1986, p. 92)

Para a época do Brasil colônia, além do genocídio dos corpos indígenas houve também o que entendemos por processo glotofágico do multilinguismo indígena brasileiro, tal fato, se estende até os dias de hoje. Nesse processo para uma grande maioria das línguas indígenas resistentes, muda-se o cenário, contudo, o enredo continua.

Considerando que com o passar dos anos, o colonialismo europeu tenha sido ressignificado em detrimento ao reconhecimento de uma língua materna brasileira, as línguas indígenas ainda sofrem o processo de colonização através dos instrumentos que são construídos aos moldes europeus, contudo, sob a influência de uma língua brasileira “majoritária”, a língua portuguesa.

Afunilamos, quando pensamos nas línguas de sinais, para esclarecer as línguas de sinais não são universais. Em Saussure (2002), cada povo, cada etnia tem suas convenções linguísticas representadas por seus signos e significantes, com base nas convenções materiais, sociais e aqui acrescentamos os aspectos culturais que constituem a linguística de um povo. As línguas de sinais acompanham as iconicidades e arbitrariedades culturais da sociedade falante, nesse caso sinalizantes.

As pesquisas a respeito da Língua Indígena Paiter Suruí de Sinais deram início através de um grupo de pesquisa da Universidade Federal de Rondônia - UNIR, campus Ji Paraná confirmando que os sinais utilizados na comunidade por indígenas surdos, surdos não indígenas e alguns ouvintes sinalizantes são parte integrante de uma língua, estabelecemos aqui a Língua Indígena Paiter Suruí de Sinais (LIPSS).

Com isso, através dos registros já existentes realizados com esses estudos e mapeamento da LIPSS, buscamos nos atentar ao processo de “Gramatização da Língua Paiter Suruí de Sinais”. Acreditamos na possível premissa em que a comunidade Paiter Suruí passivamente, vivenciem o processo de Gramatização da LIPSS em Rondônia.

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) é a primeira língua de sinais a ter seu reconhecimento legal a partir da lei Nº 10.436/2002 no Brasil e é garantida pelo Decreto Nº 5626/2005, contudo a modalidade de expressão e comunicação através do uso de sinais não limita a Libras.

“[...] é um fato que, após os primeiros estudos sobre línguas de sinais, as comunidades surdas passaram a ser mais respeitadas e sua língua valorizada.” (FERREIRA, 2010, p.13)

A regulamentação do Ministério da Educação - MEC e outras leis que o complementa, determinam o direito à educação para os povos indígenas. Porém, o sistema não prevê um suporte para as línguas de sinais indígenas, visto que não são reconhecidas através de uma legislação específica. Entretanto, para cada língua oral indígena já reconhecida, existem as LIS correspondente ao povo/etnia que deve ser registrado/mapeado.

Diante disso, compreendemos a necessidade de nos estruturarmos através dos Estudos Surdos,

Os Estudos Surdos têm surgido nos movimentos surdos organizados e no meio da intelectualidade influenciada pela perspectiva teórica dos Estudos Culturais, ou seja, os Estudos Surdos inscrevem-se como uma das ramificações dos Estudos Culturais, pois enfatizam as questões das culturas, das práticas discursivas, das diferenças e das lutas por poderes e saberes. (Wrigley, 1996, p. 12).

Quando se discute os artefatos culturais de um povo como sua língua é necessário tem uma visão das identidades culturais e suas construções, com isso o

povo surdo tem seus protagonismos nas produções científicas e literárias com isso também buscam evidências das lutas de seus pares.

Ainda, vale reforçar que:

Os Estudos Surdos, enquanto grupo organizado culturalmente, luta contra a visão da pessoa surda enquanto indivíduo deficiente. [...] Os surdos, se definem de forma cultural e linguística. (Wrigley, 1996, p. 12).

Os Estudos Surdos “tem promovido uma ruptura significativa e fundamental na história, na vida, nas estratégias políticas e lutas dos surdos” Perlin (2009). Deriva dos Estudos Culturais e proporcionam uma política que desvincula com um modo tradicional e estruturalista de fazer ciência, integra vertentes que permitem incluir a condição do povo surdo indígena ao investigar esse campo.

O respeito e valorização da manifestação linguística podem contribuir na vida de uma determinada Comunidade Indígena Surda. Os Estudos Surdos é um campo de pesquisa em que se evidenciam pesquisas realizadas por surdos.

Quando falamos de cultura, é natural que a gente pense sobre os hábitos, costumes, conhecimentos, enfim, as produções que determinado povo compartilha entre si. As pessoas surdas que convivem com seus pares e que usam a língua de sinais vão se constituindo de igual modo, isto é, vivenciam uma cultura partilhada que é composta por artefatos culturais. Os principais são os aspectos decorrentes da língua e de sua modalidade.

Vamos pensar em situações cotidianas vividas por nós? Se você precisa chamar uma pessoa surda que está distante de você, como faz isso? Esse é um exemplo simples, mas que mostra as particularidades construídas por experiências que são, principalmente, visuais. É natural quando você quer chamar um (a) surdo (a) abanar a mão como forma de chamar atenção, o que poderia ser visto como incomum para quem não tem/teve contato com essa forma de interação.

Conhecer os artefatos da cultura é fundamental para compreender melhor o “ser surdo” e como essas expressões culturais se materializam socialmente. Cardoso e Francisco (2017, p. 1051, grifo nosso) esclarecem: “Como primeiro artefato cultural do povo surdo, a experiência visual compõe a identidade e a cultura surda. A partir da visualidade é que o sujeito surdo se relaciona com o outro e com o mundo. A visualidade é fundamental na construção de sentidos e significados”. Quando temos a

oportunidade de interagir com um novo universo cultural, conseguimos nos apropriar de elementos que formam uma comunidade.

Até agora, você deve ter percebido que mencionamos várias vezes a expressão cultura surda. Mas afinal, o que é cultura surda? O que diferencia a cultura de pessoas surdas da cultura de pessoas ouvintes? Além disso, como a cultura surda influencia nas formas de ensinar e aprender dos sujeitos surdos?

Existem muitas maneiras de definir o que é a Cultura Surda. Segundo a autora surda Karin Strobel, cultura surda significa “o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais”. A autora afirma ainda que, a cultura surda “abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo (Strobel, 2013, p. 27).

Este conceito de cultura surda é compartilhado com pesquisadores de um campo de estudos chamado de Estudos Surdos, que são um conjunto de pesquisas onde a surdez é percebida como diferença política, linguística, cultural, como experiência visual. Seus objetivos de pesquisa visavam compreender a surdez em suas singularidades, que criam identidades e coesão de uma comunidade, e que, ao mesmo tempo, situa esse grupo dentro de determinados discursos, os quais fazem com que seus membros sejam percebidos e narrados de diferentes maneiras (Lopes, 2007, p. 24). Ou seja, a percepção da surdez como diferença e como experiência visual retira o surdo do campo discursivo da deficiência e da incapacidade e o inscreve no campo cultural, permitindo que ele construa uma identidade de forma positiva.

As identidades surdas são construídas na convivência dentro das comunidades surdas, a partir do contato surdo/surdo. É no encontro com seu semelhante, com aquele que vive a mesma experiência (embora de formas diferentes) que o surdo passa a se perceber como um indivíduo pertencente a uma comunidade linguística. Você deve ter notado que utilizamos o termo identidades no plural. Isso tem uma explicação. Segundo Skliar (2016),

“[...] ‘o ser surdo’ não supõe a existência de uma identidade surda única e essencial a ser revelada a partir de alguns traços comuns e universais [...]. Neste sentido é necessário ver a comunidade surda de uma forma ostensivamente plural. O sujeito contemporâneo não possui uma identidade fixa, estática, centrada, essencial ou permanente. A identidade é móvel, descentrada, dinâmica, formada e transformada continuamente em relação às formas através das quais é representada nos diferentes sistemas culturais” (Skliar, 2016, p. 11).

Existem diferentes formas de viver a experiência da surdez, mas, alguns traços em comum fazem com que o surdo se sinta pertencente a um grupo cultural e não a um grupo de deficientes. Por este motivo, você vai perceber que as maiorias dos surdos preferem ser chamados de surdos e não de deficientes auditivos. De fato, os surdos que participam da comunidade surda não se sentem pessoas deficientes. Muito pelo contrário, sentem orgulho de serem surdos, de utilizarem a língua de sinais e produzirem várias manifestações culturais.

Como a cultura surda influencia nas formas de ensinar e aprender dos sujeitos surdos?

Tendo em vista que a educação está cada vez mais preocupada em tornar-se multicultural, ou seja, em tornar-se plural e democrática, a cultura do estudante é central nos processos educativos. Todos estes elementos da cultura surda, apresentados anteriormente, precisam ser considerados pelo professor quando for pensar uma aula para estudantes surdos.

O trecho a seguir, retirado do Relatório sobre a Política Linguística de Educação Bilíngue – Língua Brasileira de Sinais e Língua portuguesa (MEC/SECADI, 2014) esclarece o papel da cultura na educação bilíngue para surdos:

[...] a Educação Bilíngue Libras - Português é entendida como a escolarização que respeita a condição da pessoa surda e sua experiência visual como constituidora de cultura singular, sem, contudo, desconsiderar a necessária aprendizagem escolar do português (MEC/SECADI, 2014, p. 6).

Portanto, o fato da existência da Língua Indígena Paiter Suruí de Sinais, pode explicitar com os dados dessa pesquisa as importantes contribuições linguísticas e educacionais para a comunidade indígena surda de Rondônia, no âmbito social e científico.

Portanto, existe a necessidade do reconhecimento dos elementos visuais dentro das manifestações linguísticas que utilizam a sinalização, para que o surdo compreenda o seu mundo e o que o circunda.

De acordo com a cosmovisão indígena, sabemos que por tradições indígenas, as histórias, os ritos, a cultura são repassados de geração em geração através da oralidade, nesse contexto, quando pensamos no sujeito indígena surdo, surgem novas questões, existe as considerações quanto ao relativismo cultural de algumas etnias indígenas que condenavam/desprezavam pessoa nascida no seio da comunidade que

apresentavam qualquer deficiência física, motora ou cognitiva, não é o caso do povo Paiter Suruí.

3.1 O Tradutor Intérprete das Línguas Indígenas de Sinais - TILIS

A diversidade linguística e cultural caracteriza as sociedades humanas desde tempos imemoriais, sendo um campo de estudo que interessa particularmente à Sociolinguística, ramo da linguística dedicado à análise das relações entre linguagem e sociedade. Segundo Weinreich (2006), o contato linguístico ocorre quando duas ou mais línguas são usadas alternadamente pelas mesmas pessoas. No contexto das comunidades indígenas brasileiras, a coexistência de diferentes idiomas, incluindo as Línguas Indígenas Orais, Línguas Indígenas Escritas e as Línguas Indígenas de Sinais (LIS), cria cenários multilíngues e multiculturais, conforme aponta Maher (2010). Esses cenários são marcados por intensas relações transfronteiriças, nas quais a interculturalidade desempenha um papel crucial no desenvolvimento de práticas educacionais inclusivas.

Nesse contexto, destaca-se o processo de formação dos Tradutores Intérpretes das Línguas Indígenas de Sinais, uma vez que as LIS carregam elementos culturais específicos de cada etnia (Silveira, 2018). A dinâmica linguística dessas comunidades exige a formação de profissionais aptos a mediar a comunicação entre indígenas surdos e seus respectivos grupos sociais. De acordo com Barboza (2014), a expansão colonial europeia trouxe à tona novas comunidades linguísticas, afetando significativamente as línguas nativas e reforçando a necessidade de políticas linguísticas de proteção e promoção das línguas indígenas.

O contato de línguas é um fenômeno amplamente estudado na linguística e refere-se à interação entre diferentes sistemas linguísticos quando falantes de línguas distintas convivem em uma mesma comunidade ou região. No contexto das comunidades indígenas brasileiras, esse fenômeno adquire particular relevância, dado o cenário multilíngue característico dessas regiões. Segundo Weinreich (2006), o contato entre línguas pode resultar em influências linguísticas mútuas, como o empréstimo de vocabulário, a formação de pidgins e crioulos, e até mesmo em mudanças estruturais profundas.

Nas comunidades indígenas do Brasil, essa realidade é complexificada pela presença de línguas indígenas orais, línguas de sinais indígenas e a Língua

Portuguesa, o que exige uma reflexão cuidadosa sobre as interações linguísticas que ocorrem nesses contextos. Salomão (2013) destaca que a coexistência de múltiplos códigos linguísticos nessas comunidades gera espaços de intercomunicação nos quais os falantes desenvolvem competências comunicativas variadas, abrangendo línguas orais e de sinais.

No âmbito da tradução e interpretação de línguas de sinais indígenas, o contato de línguas ocorre tanto entre línguas orais quanto entre línguas de sinais, configurando um cenário multilíngue singular. A formação de Tradutores e Intérpretes de Línguas Indígenas de Sinais (TILIS) deve, portanto, considerar essa dinâmica linguística e sociocultural, buscando garantir a preservação das línguas indígenas, a promoção da diversidade linguística e a inclusão linguística das comunidades surdas indígenas.

As comunidades indígenas envolvidas nesta proposta de formação caracterizam-se pela diversidade linguística, abarcando tanto línguas indígenas orais quanto línguas de sinais indígenas emergentes. Esse cenário reflete o que Salomão (2013) descreve como "multilinguismo dinâmico", no qual as línguas coexistem de maneira fluida, adaptando-se às necessidades comunicativas dos falantes.

A interação entre as línguas de sinais indígenas e a Língua Brasileira de Sinais (Libras) também merece destaque, uma vez que, em muitos casos, a Libras funciona como uma língua de contato e apoio nas situações de tradução e interpretação. Desse modo, os TILIS precisam desenvolver competências que lhes permitam transitar entre diferentes línguas e culturas, promovendo a inclusão linguística e o acesso à informação.

A proposta de formação aqui apresentada busca, portanto, não apenas capacitar os TILIS para o exercício da tradução e interpretação, mas também contribuir para a valorização das línguas e culturas indígenas, promovendo o respeito à diversidade e à garantia de direitos linguísticos das comunidades surdas indígenas.

A formação dos Tradutores Intérpretes Indígenas de Libras e Línguas Indígenas de Sinais requer uma abordagem que contemple a diversidade linguística e cultural. Conforme os princípios da Sociolinguística, que estuda a relação entre linguagem e sociedade, são fundamentais considerar o contexto social e multicultural desses povos.

A iniciativa de formação de Tradutores e Intérpretes de Línguas Indígenas de Sinais (TILIS) apresenta-se como um marco na preservação e valorização das línguas e culturas indígenas. Ao longo do curso, os participantes tiveram a oportunidade de compreender as particularidades das línguas de sinais emergentes e sua interconexão com as práticas socioculturais dos povos indígenas. Dessa forma, a formação não apenas qualifica profissionais para atuar como mediadores linguísticos, mas também reforça a necessidade de políticas linguísticas que garantam a proteção desses patrimônios culturais.

Diante do histórico de marginalização das Línguas Indígenas de Sinais, este movimento surge como um passo fundamental para a promoção da acessibilidade e dos direitos linguísticos dos surdos indígenas. O impacto dessa iniciativa estende-se para além do ensino, alcançando a valorização das identidades indígenas, indígenas surdas e o fortalecimento de suas comunidades, que passam a dispor de profissionais capacitados para mediar às interações linguísticas em contextos educacionais, institucionais e culturais.

Reafirmo a necessidade de iniciativas que promovam a justiça linguística e o reconhecimento das Línguas Indígenas de Sinais como expressões culturais e identitárias fundamentais. Espera-se que esta discussão inspire novas políticas de formação e fortaleça a rede de profissionais dedicados à inclusão e à valorização das comunidades surdas indígenas no Brasil.

4 CARTOGRAFIA SOCIAL VISUAL

O termo "cartografia" utiliza especificidades da geografia para criar relações de diferença entre "territórios" e dar conta de um "espaço". Assim, "Cartografia" é um termo que faz referência à ideia de "mapa", contrapondo à topologia quantitativa, que caracteriza o terreno de forma estática e extensa, uma outra de cunho dinâmico, que procura capturar intensidades, ou seja, disponível ao registro do acompanhamento das transformações decorrias no terreno percorrido e à implicação do sujeito percebedor no mundo cartografado. (Fonseca e Kirst, 2003, p.92).

A cartografia social incorpora novos elementos de práticas cartográficas, neste processo, a construção dos mapas é realizada considerando o diverso campo de possibilidades existentes nas localidades estudadas, passando a serem resultantes de uma relação entre pesquisadores e agentes sociais, na qual se indaga a prática cartográfica e legitima-se mediante a academia (Santos, 2016). Neste sentido, a

cartografia social envolve pesquisadores de diferentes formações e possui, como elemento fundamental, a participação dos agentes sociais no processo da elaboração dos mapas, no qual métodos de pesquisa participativa combinados com geotecnologias possibilitam a delimitação e descrição de áreas (Op. Cit.).

No processo da cartografia social são problematizados não somente os usos dos resultados dos mapeamentos, nos quais se ressalta a apropriação territorial, mas também a postura ética dos pesquisadores frente ao conhecimento tradicional das populações estudadas (Vaian, 2008). Almeida (2013), afirma que o processo de elaboração dos mapas sob esta abordagem é considerado como um procedimento metodológico e não uma metodologia, procedimento utilizado comumente por pesquisadores do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (PNCSA), que procura que os agentes sociais envolvidos realizem sua autcartografia, expressando sua territorialidade coletiva (Santos, 2016).

No Brasil, a cartografia social ganhou visibilidade principalmente na Amazônia, sendo utilizada como instrumento de luta das comunidades tradicionais da floresta (Acseirad, 2008; Jean, 2021) e possibilitando a espacialização de diversos atributos presentes no território, elencando os conflitos existentes e mostrando a realidade local no território. Segundo Mendes (2005), este processo tem contribuído de forma significativa na luta social, política e territorial dessas comunidades, fazendo com que a sua implementação seja bastante útil.

Neste sentido, a cartografia social integra-se ao processo de planejamento e manejo de territórios numa perspectiva participativa, na medida em que se estabelece a ligação entre os grupos sociais com o seu território (Acseirad; Coli, 2008). Sobre o processo, esta caracteriza-se pela construção de mapas e é realizada mediante a realização de oficinas participativas, momento no qual se compartilha conhecimento fundamentado numa relação de troca realizada entre os sujeitos envolvidos na ação contínua de mapear (Neto, 2016).

“quando abordamos a perspectiva educativa da cultura visual, estamos falando de uma diversidade de práticas e interpretações críticas em torno das relações entre as posições subjetivas e as práticas culturais e sociais do olhar que emergem dos variados campos disciplinares” (Dalla Valle, 2020, p. 7).

Reconhecendo a necessidade e pertinência do debate acerca de conhecer e experimentar, compactuamos com o pensamento de Fernando Hernández (2011) ao

propor as metodologias visuais como uma “metodologia viva” (Hernández, 2011, p.78) que ´ atravessada pela “prática” (Springgay; Irwin, 2013, p.139) e que nos modos de fazer pesquisa sempre em vias de acontecer. Ao pensar com imagens, buscamos, portanto, possibilidades de promover outros espaços e ideias, extraindo dos fluxos do tempo oportunidades de ensinar, aprender, socializar, politizar, educar e criticar nos contrapondo a homogeneidades históricas, artísticas e educacionais (Martins; Picosque, 2012). Isto é, pensar e propor através de metodologias visuais e artísticas nos processos de pesquisa e formação, implica estabelecer vínculos entre imagens e modos de ver sob a ótica cultural do olhar, e a examinar as relações de poder implícitas que talvez não sejam possíveis de serem apreendidas se não a partir de sua natureza visual, afetiva e relacional.

No que diz respeito aos processos de pesquisa, a partir da produção de cartografias visuais entorno às temáticas de investigação, podemos aferir que são fomentadas perspectivas distintas, sobretudo abertura à imaginação ao compreender que investigar não requer seguir caminhos pré-estabelecidos com métodos fixos, mas implica atentar aos atravessamentos que interpelam a experiência durante o percurso.

Nas palavras de Fernando Hernández (2013):

Os métodos de investigação com e sobre as imagens que podem ser utilizados nas pedagogias da cultura visual permitem incorporar problemáticas que estiveram fora da área de interesse da educação escolar, em especial os efeitos que as formas de educar têm sobre a construção da subjetividade dos meninos, das meninas, dos jovens, dos adultos. Reconhecer esses efeitos para gerar relatos alternativos ou em diálogo com os existentes é uma das maneiras pelas quais a pesquisa com e sobre imagens coloca as políticas de subjetividade como um espaço central para explorar, debater e gerar relatos visuais e performativos que contestem os hegemônicos (Hernández, 2013, p.90-91).

Assim, o trabalho com/a partir das imagens convida a percursos pouco ou nada transitados e que envolvem as dimensões sociais e culturais que atravessam a vida contemporânea. Questões de direitos humanos que abarcam emergências sociais como violência de gênero, racismo e preconceito pulsam e dinamizam grande parte das discussões realizadas nesses espaços em que a articulação entre imagens da arte e das mídias sociais interagem.

Como os rizomas deleuzianos (Deleuze; Guattari, 2019), as cartografias operam como pontos de partida para debates sobre ser e estar em um mundo de incertezas, e também refletem os desejos por contextos inclusivos, éticos e abertos à diversidade.

Podemos compreender as cartografias visuais como um modo de combinar experiência afetiva a partir da conectividade visual, como a produção de narrativas simbólicas de representações visuais daquilo que atravessa o pensamento no momento de sua configuração. Cada cartografia produzida, está atravessada por uma perspectiva única e multidimensional daquilo que pretende dar sentido. Relatos singulares mostram trajetórias, decisões, encontros e intensidades que refletem percursos de aprendizagem a partir de uma trama de relações simbólicas.

De acordo com Duarte (1991, p. 25-26),

Jamais poderá haver algo num mapa que não seja capaz de ser decifrado, já que a Legenda é responsável pelo esclarecimento do conteúdo do documento cartográfico. Cores, símbolos e letreiro devem compor um conjunto harmonioso que tem por objetivo fornecer determinadas informações ao leitor, devendo também ficar esclarecidos na legenda quando houver possibilidades de interpretações dúbias e mesmo nos casos em que não forem muito comuns ou óbvios.

A Cartografia Social vem se constituindo como uma abordagem de enorme importância para o ensino de Cartografia Escolar. Embora ainda bastante reduzida, a quantidade de trabalhos e pesquisas (Diez Tentamanti, 2012) quem vêm apontando para o potencial pedagógico dessa abordagem cartográfica, mostra-se mais reduzida ainda ao se tratar do ensino de pessoas surdas. E nesta pesquisa proponho a discussão da temática para indígenas surdos.

De acordo com Marques (1999), a começar pela linguagem, o modo como as pessoas surdas realizam essa interação se dá de forma distinta dos/as ouvintes. Apesar da obviedade dessa afirmação, ela esconde uma complexidade que se situa por trás dessa diferença, quando se vai abordar a especificidade dos processos comunicativos e linguísticos do povo surdo. Para a autora em questão: “O obstáculo sensorial auditivo cria situações comunicativas específicas para o surdo, porém, não o impede de adquirir uma linguagem, nem o desenvolvimento da sua capacidade de representação” (Marques, 1999, p. 38).

Tal ‘capacidade’ compreende não só o ato de saber fazer uso da língua para surdos/as (Libras), como também, principalmente, pela especificidade cognitiva e simbólica do seu pensamento, distinto dos ouvintes, uma vez que, de acordo com Marques:

(...) tal processo envolve mecanismos mentais, também diferentes daqueles da pessoa ouvinte e, por isso, tornam-se responsáveis pela construção de esquemas de pensamento e estratégias intelectivas que dependem da natureza do desenvolvimento linguístico-cognitivo que lhe é próprio (Marques, 1999, p. 38).

Sobre as LIS no ensino e aprendizagem Santos aponta:

As Línguas Indígenas de Sinais - LIS são fundamentais para a formação escolar dos indígenas surdos, porque representam sua identidade cultural. O ensino por meio da LIS é uma forma de garantir a inclusão e formação completa dos indígenas surdos respeitando as suas tradições e línguas originárias. (Santos, 2024, p.72)

Sobre futuras pesquisas em relação às LIS e a educação de indígenas surdos/as:

É importante deixar claro para novas pesquisas que os sinais usados dentro dos territórios pelos indígenas surdos atingem, não somente um espaço na comunicação, mas também na revitalização, preservação, valorização pelo processo de retomada das línguas indígenas, sejam elas de sinais, orais ou escritas. (Santos, 2024, p.131)

Ao evidenciar as cartografias sociais e visuais é possível acessar outros repertórios visuais, novos territórios culturais, étnicos, identitários, paisagens distintas que lhes afetam diretamente os indígenas surdos nas diferentes comunidades indígenas.

5 LÍNGUA – IDENTIDADE – TERRITÓRIOS ETNOEDUCACIONAIS

As Línguas Indígenas de Sinais - LIS são fundamentais para a formação escolar dos indígenas surdos, porque representam sua identidade cultural. O ensino por meio da LIS é uma forma de garantir a inclusão e formação completa dos indígenas surdos respeitando as suas tradições e línguas originárias. (Santos, 2024, p.72)

Do ponto de vista das políticas públicas, o reconhecimento das línguas indígenas como patrimônio cultural imaterial envolve um contexto de natureza complexa. Conforme nosso atual sistema jurídico de proteção de bens culturais, os bens imateriais são as formas de expressão – o que inclui as línguas – os modos de criar, fazer e viver, criações científicas, artísticas e tecnológicas, incluindo lugares em que essas manifestações culturais ocorrem. O instrumento de proteção jurídica

aplicável ao patrimônio imaterial é o Registro, conforme estabelece o Art. 216 da Constituição Federal de 1988.

Segundo o Decreto nº 3.551/2000, que regulamenta parcialmente o dispositivo legal previsto pela Constituição Federal de 1988 e institui o Plano Nacional do Patrimônio Imaterial, são quatro os Livros de Registro: Livro dos Saberes (para conhecimentos e modos de fazer enraizado no cotidiano das comunidades); Livro das Celebrações (para rituais e festas que marcam a convivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social); Livro dos Lugares (para territórios, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e se reproduzem práticas culturais coletivas) e Livro das Formas de Expressão (para manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas).

A Constituição Brasileira, para além de reconhecer as formas de expressões como patrimônio imaterial, foi muito tímida em relação à proteção da diversidade linguística. Diferentemente, por exemplo, das constituições do México, que já no seu art. 2º garante aos indígenas o direito de preservar e enriquecer suas próprias línguas, e do Paraguai que considera o país como bilíngue, reconhecendo o guarani como língua oficial (art. 140). Em ambos os casos, sem determinar como obrigatório o ensino do castelhano.

No Brasil, a despeito da Lei 11.645/2008 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”, a implementação de políticas públicas educacionais para os povos indígenas se arrasta há décadas, com esforços isolados para garantir respeito à diversidade cultural e étnica nas escolas indígenas e não indígenas.

No caso das línguas indígenas, seu reconhecimento como patrimônio cultural é também elemento fundamental para a conformação das leis ambientais ao abrigo e à permanência das populações tradicionais que habitam o território de modo a assegurar a continuidade dos ofícios e práticas culturais, contribuindo para a tessitura das relações sociais de forte componente simbólico na afirmação da identidade de suas respectivas comunidades.

O caráter social da língua é facilmente percebido quando levamos em conta que ela existe antes mesmo de nós nascermos. Cada um de nós já encontra a língua formada e em funcionamento, pronta para ser usada. E, mesmo quando a pessoa deixa de existir, a língua subsistirá independentemente de nós. A

língua pertence a todos os membros de uma comunidade; por isso faz parte do patrimônio social e cultural de cada coletividade (Betania, 2010, p. 01).

A língua é caracterizada por aspectos culturais, sendo influenciada por eles e torna-se um elemento constituinte das expressões culturais de uma nação (Santana, 2012). A cultura pode ser entendida como “o complexo de valores, costumes, crenças e práticas que constituem o modo de vida de um grupo específico” (Eagleton, 2005, p.55), regido pela língua. É por meio desta que a cultura se constitui, é difundida e transmitida às gerações futuras. Não há cultura sem língua e nem língua sem o suporte de uma cultura. A cultura é uma produção humana, produto de uma coletividade, resultante do acúmulo de conhecimentos e experiências de gerações. Ela passa por modificações, acréscimos e enriquecimento contínuo, num processo dinâmico e coletivo.

Segundo Fiorin (2000), a língua é a maneira particular pela qual a linguagem se apresenta. A linguagem possibilita que o ser humano crie mundos e fantasias, visto que a língua é a concretização de uma experiência histórica e se vincula diretamente com a sociedade.

Da mesma forma, torna-se possível afirmar que não existe cultura sem língua, e quando a cultura se manifesta por outras linguagens, parece que a língua oferece um modelo para outras linguagens, como a pictórica, a musical, a teatral, nas quais a língua seria um modelo de estruturalidade para as linguagens da cultura de maneira geral.

Fiorin (2000, p.75) analisa que:

Divulgar o avanço da ciência é tão importante como fazer avançar a ciência, porque, na verdade, a ampliação da linguagem humana, a consciência da linguagem humana, a compreensão dos seus mecanismos dão ao homem a possibilidade de ascender à construção cultural que ele fez ao longo de sua história; é por meio de linguagem que eu tenho acesso a tudo aquilo que torna o homem especificamente humano. A lingüística não pode em momento nenhum se afastar dessa preocupação; digamos, socializar as suas descobertas, para que cada vez mais os homens ascendam a esses benefícios, ampliem a sua capacidade de linguagem, ampliem seus horizontes lingüísticos com conhecimentos de outras normas, de outros registros, de outras variantes(...) no sentido de que eles possam se tornar mais plenamente humano.

Segundo Bernstein (apud MARCUSCHI, 1975, p.41), "(...) os indivíduos aprendem seu papel social mediante os processos de comunicação". Isso dá a entender que os atos de linguagem individuais, ou seja, a maneira de falar de uma

pessoa a situa dentro da estrutura social, define seu status e produz sua identidade social. Dessa maneira, a língua atua como fator coadjuvante para o processo de aquisição da identidade e da definição quanto a aspectos sociais de cada indivíduo.

Mussalim e Bentes (2001), ao analisarem a concepção de Benveniste, lingüista francês, apontam que é dentro da, e para a língua que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente, visto que ambos só existem pela língua. É pelo exercício da linguagem, pela utilização da língua, que o homem constrói a sua relação com a natureza e com os outros homens. A linguagem sempre se realiza dentro de uma língua, de uma estrutura lingüística definida e particular, inseparável de uma sociedade definida e particular. Logo, língua e sociedade não podem ser concebidas uma sem a outra.

Hall (2000, p. 40) menciona que "as identidades têm a ver com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos", ou seja, a relação da identidade com os aspectos recém mencionados referem-se à maneira pela qual nós temos sido representados. O sujeito passa a ser entendido como sendo construído no interior da história e que também está a ela conectado, sendo que, o próprio conceito de sujeito pode ser considerado como uma invenção historicamente determinada.

Segundo as abordagens de Silva (2000), acerca do que tange a identidade e a diferença, a identidade é aquilo que se é: "sou brasileiro", "sou homem", "sou branco" etc. e a diferença, em oposição à identidade, concebida como aquilo que o outro é: "ela é velha", "ela é mulher", "ela é branca". Assim, ambas, a identidade e a diferença, são auto-referenciadas de si próprias e ambas simplesmente existem.

“... Compreendendo o surdo, seja ele indígena, brasileiro, como pertencente a um povo que tem uma cultura, tem uma identidade e essa identidade, no caso dos indígenas surdos, se consolida a partir das Línguas Indígenas de Sinais”. (Santos, 2024, p.31)

No aspecto da identidade surda, por exemplo, também não existe uma identidade unificada que abranja uma forma de significar a pessoa surda e as pessoas indígenas surdas.

[...] pessoas indígenas surdas, todavia, demanda de discussões que superam a temática da educação bilíngue, remetendo-nos a uma educação multilíngue, que envolva não somente a Libras como língua de sinais, mas como as outras variações linguísticas sinalizadas nas aldeias” (Jesus; 2018, p.9)

Se analisarmos, por exemplo, a identidade surda e se partirmos da representação da surdez como diferença, temos o resgate da diferença caracterizada por um processo de diferenciação, o qual constitui a base da produção das particularidades de uma cultura. Segundo Rangel e Stumpf (2004, p.87),

A ressignificação da surdez, como representação de uma diferença cultural, possibilita ao sujeito o sentimento profundo de pertencimento e o leva a inserir-se no social, fazendo parte de um grupo naturalmente definido de pessoas, de práticas e instituições sociais.

De acordo com Honora, 2009, p. 41:

As línguas de sinais são naturais, pois surgiram do convívio entre as pessoas surdas. Elas podem ser comparadas à complexidade e à expressividade das línguas orais, pois pode ser passado qualquer conceito, concreto ou abstrato, emocional ou irracional [...]. Trata-se de línguas organizadas e não de simples junção de gestões. Por este motivo, por terem regras e serem totalmente estruturadas, são chamadas de LÍNGUAS. [...]. As línguas não são universais. Cada uma tem sua própria estrutura gramatical, sendo assim, como não temos uma única língua oral, também não temos apenas uma língua de sinais (Honora, 2009, p. 41 apud SCHLUNZEM [et al], p.2).

Diante dessa perspectiva, cabe resgatarmos a questão da identidade com o poder, sendo que ela se estabelece através de relações de poder. No caso da comunidade surda e da comunidade indígena surda, é perceptível seu interesse no respeito às suas diferenças, às singularidades como é o caso, por exemplo, da centralidade da Língua Brasileira de Sinais – Libras na educação dessas pessoas surdas não indígenas e das Línguas Indígenas de Sinais – LIS para as pessoas indígenas surdas, do respeito aos aspectos históricos que permeiam a cultura das suas respectivas comunidades indígenas e surdas, e, principalmente, do respeito a sua identidade, passando a ser vista socialmente como uma identidade diferente e não deficiente.

Discutir a língua a partir do território, pois a língua é a marca que dá vida tudo que há no território é a marca da identidade indígena. Através da minha língua marco o meu território.

Para os povos indígenas, território é condição de existência. É onde as relações se estabelecem, seja no nível parental ou cosmológico ou nas relações com o nicho ecológico. Território é o lugar da habitação dos homens e, ao mesmo tempo, dos

animais, das plantas, dos rios, dos astros celestes, dos espíritos etc. Ele compreende não só as materialidades e os elementos da natureza, mas pressupõe uma relação mítica, as condições de vida, ou seja, a base que permite perpetuar o modo de ser, sendo fundamental para a existência e resistência dos povos:

[...] o território é o habitat onde viveram e vivem os antepassados. O território está ligado às suas manifestações culturais e às tradições, às relações familiares e sociais. Por conta disso, muitos povos indígenas brasileiros, como os Yanomami, os Baniwa, os Ticuna e os Guarani, mesmo suportando a separação limítrofe dos territórios nacionais distintos, vivem a coesão étnica histórica e compartilham a mesma língua, os mesmos costumes, as mesmas tradições e um projeto sociocultural e político comum (Luciano, 2006, p. 102).

O Decreto Presidencial nº 6.861, de 27 de maio de 2009, que dispõe sobre a educação escolar indígena, definiu que a organização e a execução desta educação se darão em conformação aos territórios etnoeducacionais (TEEs). No âmbito da sua instrução normativa, determinou-se a participação dos povos indígenas na elaboração das diretrizes educacionais, observando os quesitos da territorialidade, as especificidades e as demandas de cada grupo indígena.

O território etnoeducacional compreende as terras indígenas, inclusive as não contínuas, habitadas por povos indígenas que mantêm entre si redes societárias e que compartilham relações políticas, de parentesco e culturais. Esta determinação se sobrepõe à divisão político-administrativa do país, já que sua prerrogativa é a de priorizar a educação escolar indígena a partir da disposição territorial de cada grupo, mesmo que este exceda os limites das fronteiras internas e das políticas nacionais⁴.

No Artigo 4º, o CNE instituiu a centralidade organizacional das TEEs, a localização e a disposição dos entes federativos, além de definir a importância das línguas indígenas como forma de preservação da realidade sociolinguística de cada povo:

Art. 4º– Constituem elementos básicos para a organização, a estrutura e o funcionamento da escola indígena⁵:

I - a centralidade do território para o bem viver dos povos indígenas e para seus processos formativos e, portanto, a localização das escolas em terras habitadas por comunidades indígenas, ainda que se estendam por territórios de diversos Estados ou Municípios contíguos;

⁴ Aqui nos referimos ao Pacto Federativo e à compartimentação do espaço geográfico. Para discussões aprofundadas sobre compartimentação territorial, aspecto que não será discutido neste trabalho, ver Cataia (2001) e Gottmann (1952).

⁵ Resolução CNE/CEB 5/2012. Diário Oficial da União, Brasília, 25 de junho de 2012, Seção 1, p. 7.

II - a importância das línguas indígenas e dos registros linguísticos específicos do português para o ensino ministrado nas línguas maternas das comunidades indígenas, como uma das formas de preservação da realidade sociolinguística de cada povo.

No Artigo 7º, há a fomentação da ruptura com o sistema seriado da educação escolar nacional, possibilitando que haja outra forma de constituição do sistema educacional em cada TEE. Sua aplicabilidade é assegurada no Artigo 27, parágrafo 3º, que dispõe sobre o modelo de gestão de políticas educacionais e das variáveis que devem fazer parte da elaboração do plano de educação:

Art. 7º – A organização das escolas indígenas e das atividades consideradas letivas podem assumir variadas formas, como séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudos com tempos e espaços específicos, grupos não seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar.

Artigo 27 § 3º – Os territórios etnoeducacionais estão ligados a um modelo de gestão das políticas educacionais indígenas, pautado pelas ideias de territorialidade, protagonismo indígena, interculturalidade na promoção do diálogo entre povos indígenas, sistemas de ensino e demais instituições envolvidas, bem como pelo aperfeiçoamento do regime de colaboração.

Territórios etnoeducacionais, portanto, são áreas definidas com base em consulta aos povos indígenas, cuja proposta permite o reconhecimento da sua identidade étnica e da sua territorialidade ao conferir a possibilidade de uma gestão educacional autônoma de seus processos escolares.

Após a elaboração do plano, a comissão deverá submetê-lo, obrigatoriamente, à análise das comunidades indígenas. A proposta apresentada deverá conter, como previsto no Artigo 8º, um diagnóstico sobre o território etnoeducacional, especificando cada povo, a proporção entre número de habitantes e estudantes, a definição da sua abrangência territorial, além dos aspectos culturais e linguísticos e das demandas educacionais de cada povo, detalhando o planejamento e a forma de execução do plano, tendo descritas as atividades e funções de cada participante nas etapas da implementação e concretização do plano. Nesse sentido, o Decreto 6.861 reiterou as recomendações da Convenção 169 da OIT, Artigo 27:

Os programas e serviços educacionais concebidos para os povos interessados deverão ser desenvolvidos e implementados em cooperação com eles para que possam satisfazer suas necessidades especiais e incorporar sua história, conhecimentos, técnicas e sistemas de valores, bem como promover suas aspirações sociais, econômicas e culturais.

Os Territórios Etnoeducacionais foram divididos dessa forma para o acompanhamento, visita e melhor sistematização das demandas apresentadas pelos povos indígenas dos diferentes territórios no Brasil.

Quadro 1 – Territórios Etnoeducacionais (TEEs)⁶

TEEs	Povos Indígenas⁷	Estados da Federação
Rio Negro	23	Amazonas
Alto Solimões	6	Amazonas
A'uwe Uptabi – Xavante	1	Mato Grosso
Baixo Amazonas	10	Amazonas
Cinta Larga	-	Mato Grosso e Rondônia
Cone Sul	2	Mato Grosso do Sul
Ixamná – Maupuera	10	Pará
Juruá/Purus	9	Amazonas
Médio Solimões	14	Amazonas
Médio Xingu	10	Mato Grosso
Povos do Pantanal	6	Mato Grosso do Sul
Pykakwatynhre – Kaiapó	6	Pará e Mato Grosso
Tapajós e Arapiuns	13	Pará
Timbira	8	Maranhão e Tocantins
Tupi Mondé	9	Rondônia
Tupi Tupari	12	Rondônia
Tupi Txapakura	21	Rondônia
Vale do Araguaia	7	Mato Grosso, Tocantins, Goiás e Pará
Vale do Javari	6	Amazonas
Xingu	15	Pará
Yby Yara	15	Bahia
Yjhukatu	5	Rondônia
Yanomami e Y'ekuana	2	Roraima
Potirô	15	Ceará e Piauí
Nambiquara	-	Mato Grosso
Oiapoque	-	Amapá
Ka'apor	-	Maranhão

Fonte: MEC/INEP/ISA/FUNAI/Diário Oficial da União/CTI.

⁶ A ausência de alguns dados dos povos indígenas que compõem os TEEs (Cinta Larga, Nambiquara, Oiapoque e Caapor) se justifica pela falta de acesso a essas informações.

⁷ O número de povos indígenas pode variar conforme o interesse dos grupos locais. Os dados aqui apresentados foram os que estavam disponibilizados até a presente data, referenciados por sua publicação no Diário Oficial da União.

Os TEEs, portanto, são compreendidos como forma de regulamentar o regime de colaboração, proposto pela LDB e pela Constituição Federal, entre os municípios, os estados e a União. Houve, entretanto, aspectos não atendidos, como o caso das propostas curriculares para as escolas indígenas. Observe-se o Referencial Curricular Nacional (RCNEI/Indígena) para essas escolas:

[...] os professores indígenas, a exemplo do que ocorre em muitas outras escolas do país, vêm insistentemente afirmando a necessidade de contarem com currículos mais próximos de suas realidades e mais condizentes com as novas demandas de seus povos. Esses professores reivindicam a construção de novas propostas curriculares para suas escolas, em substituição àqueles modelos de educação que, ao longo da história, lhes vêm sendo impostos, já que tais modelos nunca corresponderam aos seus interesses políticos e às pedagogias de suas culturas. (...) Os entraves existentes referem-se às dificuldades encontradas para a implementação dessas propostas. Esbarra-se, ora no desconhecimento de como operacionalizar, nas práticas cotidianas da sala de aula, os objetivos que se quer alcançar, ora em barreiras determinadas por ações de órgãos locais de educação (RCNEI, 1998, p. 11/12).

O quadro apresentado dos territórios etnoeducacionais nos permite depreender que alguns TEEs encontram-se em mais de um estado da federação, como é o caso do TEE Vale do Araguaia, que está em quatro estados: Mato Grosso, Tocantins, Goiás e Pará. O agrupamento de várias etnias em um mesmo TEE deveu-se à proximidade sociocultural e linguística, em sua maioria. Também demonstra a diversidade linguística e cultural e a socialização/interações entre os povos e em específicos a possibilidade do contato entre os diferentes indígenas surdos das diversas comunidades originárias.

5.1 Resultados e Discussões: A Língua Indígena Paiter Suruí de Sinais (LIPSS) como Expressão de Identidade

Os dados produzidos demonstram que a Língua Indígena Paiter Suruí de Sinais (LIPSS) não apenas funciona como meio de comunicação para os indígenas surdos, mas também desempenha um papel fundamental na construção de identidade e pertencimento.

Diferente da Libras, a Língua Indígena Paiter Suruí de Sinais (LIPSS) possui sinais altamente icônicos, muitas vezes baseados na fauna, flora e elementos culturais do território Paiter Suruí. Esse aspecto visual reforça a importância da Língua Indígena Paiter Suruí de Sinais (LIPSS) como parte do patrimônio cultural da comunidade.

A colonização linguística acontece quando uma língua dominante impõe sua estrutura sobre outra, levando à perda de expressões culturais e à descaracterização da identidade dos falantes. No caso das Línguas Indígenas de Sinais, a influência da Libras pode resultar na substituição progressiva dos sinais originários, forçando os indígenas surdos a adotarem um sistema linguístico externo que não reflete sua cultura visual e territorialização.

A análise não apenas destaca a importância da Língua Indígena Paiter Suruí de Sinais (LIPSS) dentro da comunidade indígena surda, mas também reflete sobre os desafios da preservação e reconhecimento dessa língua em um cenário de colonialismo linguístico.

Para preservar a autenticidade das LIS, é fundamental que a pesquisa linguística respeite e valorize a estrutura dos sinais originários das comunidades indígenas, sem modificações baseadas em padrões urbanos ou ocidentais. Esse estudo visa alertar sobre a importância de documentar e proteger as Línguas Indígenas de Sinais (LIS) como uma língua independente, evitando sua diluição dentro da Libras.

A análise também revelou que a introdução da Libras nas escolas indígenas surdas, sem considerar a Língua Indígena Paiter Suruí de Sinais (LIPSS), pode resultar na perda gradual de sinais tradicionais. Esse fenômeno reforça a necessidade de estratégias pedagógicas que valorizem as Línguas Indígenas de Sinais.

A pesquisa evidencia que os indígenas paiter suruí surdos possuem uma LIS com características únicas, ligadas diretamente ao seu território, cultura e história. Portanto, é essencial que políticas linguísticas reconheçam e protejam essas línguas como patrimônio cultural imaterial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa tem como objetivo documentar e valorizar a Língua Indígena Paiter Suruí de Sinais (LIPSS), sua relação com a cartografia social visual como instrumento de registro e preservação linguística e cultural. Um sistema linguístico visual próprio da comunidade indígena Paiter Suruí surda. Diferente da Língua Brasileira de Sinais (Libras), que foi institucionalizada e padronizada dentro de um contexto nacional hegemônico, a língua indígena de sinais emerge da interação natural dentro da aldeia, representando a territorialização e resistência cultural do povo indígena surdo.

Diferente da Língua Brasileira de Sinais (Libras), que foi institucionalizada e padronizada dentro de um contexto nacional hegemônico, a Língua Indígena Paiter Suruí de Sinais (LIPSS) emerge de forma orgânica e espontânea no cotidiano das aldeias. Sua estrutura está diretamente ligada ao território, à cosmovisão indígena e à ancestralidade, funcionando como um mecanismo de resistência cultural e identidade coletiva para os indígenas surdos.

No entanto, a Língua Indígena Paiter Suruí de Sinais (LIPSS) enfrenta desafios significativos de reconhecimento e preservação, especialmente dentro de um cenário de colonialismo linguístico. A imposição de línguas dominantes, como a Libras e o português, muitas vezes resulta na marginalização das línguas indígenas de sinais, dificultando sua transmissão intergeracional e a manutenção de sua autenticidade.

Adotar a cartografia social visual como ponto de partida para a criação de processos investigativos com foco na LIPSS contribuem para problematizar os significados culturais e identitários dos indígenas paiter suruis surdos, assim como reconhecer processos autobiográficos que envolvem a construção social do olhar.

A Língua Indígena Paiter Suruí de Sinais é essencial para o desenvolvimento linguístico, cultural e identitário dos indígenas paiter suruis surdos de Rondônia. Ela desempenha um papel fundamental na comunicação, na transmissão cultural e na formação da identidade, contribuindo para a preservação das tradições e a promoção da inclusão e diversidade dentro das comunidades indígenas.

A partir de uma abordagem etnográfica e dos Estudos Surdos, esta pesquisa busca não apenas descrever os sinais da Língua Indígena Paiter Suruí de Sinais (LIPSS), mas também analisar como os indígenas surdos constroem significados e relações sociais através dessa língua visual. A pesquisa também discute o papel das políticas linguísticas e da cartografia social visual como ferramentas de resistência e afirmação identitária no contexto indígena surdo. A colonização linguística imposta pelos modelos ocidentais, incluindo a Libras, não pode ser utilizada como referência para compreender as línguas indígenas de sinais, pois elas possuem autonomia cultural e simbólica.

Assim, este estudo reafirma a importância da preservação, documentação e valorização das línguas indígenas de sinais (LIS), promovendo o reconhecimento da Língua Indígena Paiter Suruí de Sinais (LIPSS) como um patrimônio linguístico e cultural essencial para a identidade dos indígenas Paiter Suruí surdos.

A Língua Indígena Paiter Suruí de Sinais desempenha um papel crucial no desenvolvimento linguístico, cultural e identitário dos indígenas surdos. Assim como em qualquer comunidade surda, a Língua Indígena de Sinais é a língua natural dos indígenas surdos e contribui para seu desenvolvimento linguístico. E com o registro da Cartografia Social Visual apresentada nesta pesquisa irá potencializar/contribuir diretamente para o registro da LIPSS no território indígena em Rondônia, contribuindo para os direitos linguísticos dos paiter sururí surdos e para as pesquisas que vem crescendo sobre as LIS no Brasil.

Esta pesquisa reafirma a importância da preservação das línguas indígenas de sinais como um “elemento fundamental da identidade e da cultura indígena surda”. O reconhecimento da Língua Indígena Paiter Suruí de Sinais (LIPSS) é um passo essencial para garantir que essas comunidades não sofram processos de apagamento linguístico e cultural.

Além disso, a utilização de QR Codes representa um avanço na “documentação e ensino da LIS”, pois permite que os sinais sejam acessados de forma interativa e dinâmica, garantindo que sua transmissão para as futuras gerações seja visual, acessível e alinhada com a cultura visual dos povos indígenas surdos, e a análise dos sinais utilizados pelos indígenas surdos demonstra que a comunicação gestual pode ser registrada e estudada sem a necessidade de passar pela tradução para a língua falada, evitando processos de colonização linguística.

Esse estudo não pretende esgotar a questão, mas sim abrir caminhos para futuras pesquisas e incentivar o reconhecimento da língua dos indígenas surdos como um patrimônio linguístico e cultural.

O processo de desterritorialização dos indígenas surdos ocorre não apenas no aspecto linguístico, mas também no campo acadêmico, onde a falta de reconhecimento das línguas indígenas de sinais compromete a preservação de suas tradições. Dessa forma, registrar, sistematizar e valorizar a Língua Indígena Paiter Suruí de Sinais (LIPSS) é um passo crucial para garantir que as futuras gerações tenham acesso a esse patrimônio imaterial, fortalecendo sua identidade e autonomia cultural.

REFERÊNCIAS

_____. Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas. Ministério da Educação e do Desporto – Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC, 1998.

_____. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, DF, n. 248, 23 dez. 1996.

_____. Decreto nº 6.861/2009, de 27 de maio de 2009. Dispõe sobre a Educação Escolar Indígena, define sua organização em territórios etnoeducacionais, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Seção 1, 28/5/2009, página 23.

_____. (2008). Postdeafness. Em H-Dirksen L. Bauman (Org.), Open your eyes: Deaf studies talking (pp. 314-236). Minneapolis: University of Minnesota.

_____. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 4ª Ed. Porto Alegre: Mediação, 2010.

_____. **Atualidade da educação bilíngue para surdos: processos e projetos pedagógicos**. Porto Alegre: Mediação, 1999.

< <http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=ro> > Acesso em 05/08/2014.

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm > Acesso em 05/08/2014.

< http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm > Acesso em 05/08/2014.

ACSELRAD, H, COLI, L. (2008) Disputas territoriais e disputas cartográficas. In Cartografias sociais e território / Henri Acselrad (organizador).-- Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2008. 168 p.; 18 cm. - (Coleção Território, ambiente e conflitos sociais; n. 1)

ALMEIDA, A. (2013) Nova cartografia social: territorialidades específicas e politização da consciência das fronteiras. In: Povos e Comunidades Tradicionais. Manaus: PNCSA/UEA, 2013. p.157-173.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de & JÚNIOR, Emmanuel de Almeida Farias (orgs.). Povos e Comunidades Tradicionais: Nova Cartografia Social. Manaus: UEA Edições, 2013.

ALMEIDA, Lizlyn Peres. **Tradução Comentada da narrativa de um indígena Wapichana da fronteira Brasil-Guiana para a Libras**. Universidade Federal de Roraima – UFRR. 2022.

BAUMAN, Zygmunt. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BARBOZA, A. M. *A consolidação das línguas europeias nas Américas: Impactos sociolinguísticos e culturais*. Porto Alegre: Editora Linguarum, 2014.

BETANIA, Nadia (2010). Língua e linguagem. Disponível em: Acesso em 15/05/2024.

CASSIRER, E. – **A necessidade da arte**. Trad. de Leandro Konder. São Paulo: Zahar Editores, 8ª ed., 1981.

CASTRO, Renata Cruz. **Onde nossas mãos precisam chegar: a realidade da educação de surdos em São Paulo de Olivença (AM)**. (Trabalho de Conclusão de Curso - TCC). Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, 2023. Disponível em: https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/18993?locale-attribute=pt_BR. Acesso em: 12 fev. 2024.

CEVASCO, Maria Elisa. *Dez Lições sobre Estudos Culturais*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

COMAPA, Marta Morúbo. **Trajetórias, identidades e narrativas: aproximações das histórias de aprendizagem de português por um surdo e uma indígena ouvinte**. Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. 2022.

Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, Art. 205. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm > Acesso em 06/08/2014.

COSTA, M. G. L. **Mapeamento dos Sinais da Comunidade Surda do Povo Paiter Suruí no Contexto Familiar**. Dissertação de Mestrado da Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho, RO, P. 180.2017.

DALLA VALLE, Lutiere. Cultura visual e educação: cartografias afetivas e compreensão crítica das imagens. *Revista Cadernos da Comunicação*. Santa Maria, v.24, n.1, art 11, p.2 de 20, Jan/Abr. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/ccomunicacao/article/view/55088/pdf>. Acesso em: 19 fev. 2024.

DAMASCENO, C. P. *Educação bilíngue para indígenas surdos: Uma proposta multicultural*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Brasília, 2017.

DAVIS, L. (1995). *Enforcing normalcy: Disability, deafness, and the body*. New York: Verso.

Decreto 5.626/2005.

DORZIAT, Ana. ARAÚJO, Joelma R. SOARES, Filipe P. O direito dos surdos à educação: que educação é essa? In: DORZIAT, Ana. *Estudos Surdos: diferentes olhares*. Porto Alegre: Mediação, 2011.

DUARTE, Paulo Araújo. *Cartografia temática*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1991.

EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.

FERNANDES, Eulália (Org). Surdez e bilinguismo. 3ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2010.

FERNANDES, Sueli. MOREIRA, Laura C. Desdobramentos político-pedagógicos do bilinguismo para surdos: reflexões e encaminhamentos. Revista Educação Especial. V. 22, n. 34, p. maio/ago. Santa Maria, 2009.

FILHO, Florêncio Vaz; CARVALHO, Luciana Gonçalves. Isso tudo é encantado. Santarém: UFOPA, 2013.

FIORIN, José Luiz. Linguagem e Ideologia. 7 ed. São Paulo: Ática, 2000.

FONSECA, T. M. G. & KIRST, P.G. *Cartografia e devires: a construção do presente*. Porto alegre: UFRGS, 2003.

GOMES, Elenira Oliveira. **História e Construção da Língua de Sinais Hãtxa Kui Brasileira (LSHKB)**. Universidade Federal do Acre – UFAC. 2020. Disponível em: Revista Brasileira de Línguas Indígenas (unifap.br)

GONDIM, Neide. Como o mar de águas doces e suas dilatadas províncias são percorridos pelo imaginário dos cronistas viajantes. In: A invenção da Amazônia. Manaus: Valer, 2011.

GREGIANINI, L. C. B. **Mapeamento os Sinais Paiter Suruí no Contexto Comunidade**. Dissertação de Mestrado da Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho, RO, P. 180. 2017.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A Ed. 2000.

HALL, Stuart. Identidades Culturais na Pósmodernidade. Trad. SILVA, Tomaz Tadeu da; LOURO, Guacira Lopes. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HERNÁNDEZ, Fernando. A cultura visual como um convit à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Ed/Org.) Educação da cultura visual: conceitos e contextos. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011, P. 31- 50.

HERNÁNDEZ, Fernando. Pesquisar com imagens, pesquisar sobre imagens: revelar aquilo que permanece invisível nas pedagogias da cultura visual. (in) MARTINS, R; TOURINHO, T (Orgs.) Processos e práticas de pesquisa em cultura visual e educação. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013a.

IBGE, Censo de 2010. Disponível em:

JEAN, W.; ARCELA, A.; VAN ELS, R. H.; BRASIL JUNIOR, A. C. P.; ECHEVERRY, S. M. V.; DE MIRANDA, A. R. S.; DE SOUZA, J. S. A. (2021). A GIS for Rural Electrification 24 Strategies in the Brazilian Amazon. Papers in Applied Geography, Vol. 7, No 3, pp 239-255, DOI: 10.1080/23754931.2020.1870539

JESUS, Jessiá Braz de, RAHME, Mônica Maria Farid e FERRARI, Ana Carolina Machado. **Educação intercultural indígena e educação matemática: o percurso de um jovem surdo da etnia Pataxó.** Revista do Programa de Pós- graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Volume 11, número 27 – 2018. Disponível em <https://periodicos.ufms.br/index.php/pedmat/article/view/7248/5511>. Acesso em 17/07/2023.

KAKUMASU, J. *Urubus-Kaapor: Língua e cultura.* Nova York: Cambridge University Press, 1968.

LADD, P. Em busca da surdidade 1: Colonização dos Surdos. Toronto, Sidney: Multilingual Matters Ltd., 2013. Trad.: Mariana Martini, Portugal, 2013.

Lei 10.436, de 24 de abril de 2002. Disponível em:

LOUREIRO, João de Jesus Paes. A Poética do Imaginário. In: Cultura Amazônica: Uma Poética do Imaginário. Belém: CEJUP, 1995.

LIMA, M. R. *Contato linguístico em comunidades indígenas multilíngues.* In: *Revista de Estudos Linguísticos*, v. 15, n. 2, p. 56-78, 2013.

MACIEL, Márcia Nunes. O Espaço Lembrado: Experiências em Seringais da Amazônia. Manaus: EDUA, 2013.

MAHER, T. M. *Educação em contextos multilíngues: desafios e perspectivas.* Florianópolis: EdUFSC, 2010.

Mamende, Andressa Muniz da Silva. **Libras na educação escolar indígena em uma escola da reserva indígena de dourados/MS.** Trabalho de Conclusão do Curso (Pedagogia) - Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul - UEMS, Dourados, 2022.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Linguagem e Classes Sociais: Introdução crítica à Teoria dos Códigos Lingüísticos de Basil Bernstein.* Porto Alegre: Movimento, 1975.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à Lingüística. Domínios e Fronteiras.* V.1 e v.2. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MARQUES, Carla Verônica Machado. Visualidade e surdez: a revelação do pensamento plástico. Espaço. p. 38-46, dez./1999,. Disponível em: <https://seer.ines.gov.br/index.php/revista-espaco/article/view/309>. Acessado em: 12/05/2023.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. Travessias para fluxos desejantes do professorpropositor. in: MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa (org.). *Mediação cultural para professores andarilhos na cultura.* São Paulo: Intermeios, 2012. p.123-133.

McLAREN, Peter. *Multiculturalismo crítico.* São Paulo: Cortez, 2003.

MELO, Vitória Manoela de Oliveira. **Formação de professores indígenas de Pankararu e a implicação da disciplina de Libras para a compreensão do trabalho do tradutor intérprete e a educação de surdos**. 2022. 58f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Tradução e Interpretação da Língua Brasileira de Sinais - Libras /Língua Portuguesa) – Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, São Paulo, 2022. Orientadora: Mariana de Lima Isaac Leandro Campos.

MENDES, J. S. et al. (2005). Impactos Socioambientais em Comunidades Atingidas pelos Empreendimentos de Energia Eólica: Ocaso de Xavier, Camocim, Ceará. In: GORAYEB, A; MEIRELES, A. J. A; SILVA, E. V. (Orgs). Cartografia Social e Cidadania: experiências de mapeamento participativo dos territórios de comunidades urbanas e tradicionais. Fortaleza. Expressão Gráfica, 2005, p135-166.

MOITA LOPES, L. P. (Org.) Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar. São Paulo: Parábola, 2006.

MOURA, I. S. Stedile A. **Escrita de Sinais: cultura e a identidade surda em Rondônia**. Dissertação de mestrado em letras pela Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho, RO, P. 108. 2018.

MOURA, Joicilene dos Santos. **Estudo comparativo entre sinais caseiros e a Libras com surdos de Canaúanim**. Universidade Federal de Roraima – UFRR. 2019.

NETO, Carlos de Araújo Moreira. Índios da Amazônia, de Maioria a Minoria (1750-1850). Petrópolis: Vozes, 1988.

NETO, F. PAULINO, P. RIBEIRO, A. (2016) A cartografia social como instrumento de espacialização dos conflitos territoriais no campo: o caso da região da chapada – APODI/RN. AMBIENTE & EDUCAÇÃO Revista de Educação Ambiental Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Edição Especial V CBEEAGT Vol. 21, n.2.

OLIVEIRA GOMES, E. . (2019). **Introdução histórica da Língua de Sinais Kaapos**. Revista Em Favor De Igualdade Racial, 3(1), 33–41. Recuperado de <https://periodicos.ufac.br/index.php/RFIR/article/view/3095>

OLIVEIRA, Valdirene Nascimento da Silva. **Identidade e práticas interculturais na escola indígena Apurinã na aldeia Camicuã - Boca do Acre**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Acre – UFAC. Rio Branco, 2018.

PAULUS, J. – **A Função simbólica e a linguagem**. Trad. de Glória Maria Fialho Pondé, revisão técnica de Lígia Vassalto. Rio de Janeiro: Eldorado Tijuca, São Paulo: Edusp, 1975.

PERLIN, Gladis T. Identidades Surdas. IN: SKLIAR, Carlos. A Surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998. p. 51-73.

PERLIN, Gladis. Identidades surdas. In: SKLIAR, Carlos (Org.). A surdez: um olhar sobre as diferenças. 4ª Ed. Porto Alegre: Mediação, 2010.

PERLIN, Gladis. MIRANDA, Wilson. A performatividade em educação de surdos. In: SÁ, Nídia R. L. Surdos: qual escola? – Manaus: Editora Valer e Edua, 2011.

PERLIN, Gladis. **O Ser e o estar sendo surdos**: Alteridade, diferença e identidade. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2003. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/5880>>, acesso em 16 de junho de 2016.

PERLIN, Gladis; STUMPF, Marianne. **Um olhar sobre nós surdos**: leituras contemporâneas. 1. ed. Curitiba: CRV, 2012.

PIASSI, P. – **Comunidade indígena do interior de SP busca preservar a língua nativa: ‘Herança cultural’, diz cacique**. G1 Bauru e Marília. 21/02/2024 07h04.

POMPEU, Inai'ury Carneiro. **O Desenvolvimento da Língua Indígena de Sinais do Povo Tentehar**. (TCC) Licenciatura Intercultural para Educação Escolar Indígena – LIEBI. 2022. Ciências da Linguagem. Universidade Estadual do Maranhã – UEMA. 2022.

POSSENTI, S. *Fenômenos linguísticos em contextos de contato: Reflexões teóricas*. São Paulo: Contexto, 2013.

POTIGUARA, Eliane. A tinta, a palavra na tradição oral e escrita em língua indígena. Leetra Indígena: Revista do Laboratório de Linguagem LEETRA, n. 4, v 1, p.17-20, São Carlos: SP: Universidade Federal de São Carlos, Laboratório de Linguagens LEETRA, 2014.

RANGEL, Giseli. STUMPF, Mariane Rossi. A Pedagogia da Diferença para o surdo. In:LODI, Ana Claudia Balieiro; HARISSON, Katryn Marie Paceco; CAMPOS, Sandra Regina Leite de. *Leitura e Escrita: no contexto da diversidade*. Porto Alegre: Mediação, 2004. p 86-97.

ROBERTO NANTES ARAUJO, B. Combatendo o apagamento linguístico. **albuquerque: revista de história**, v. 15, n. 29, p. 123-146, 2 set. 2023.

RIBEIRO, M. L. *Línguas indígenas no Brasil: História e pesquisa*. Brasília: Thesaurus, 1996.

SALOMÃO, M. S. *Contato de línguas e situações de bilinguismo*. Campinas: Pontes Editores, 2013.

SANTOS, D. (2016). Cartografia social: O estudo da cartografia social como perspectiva contemporânea da Geografia. *InterEspaço Grajaú/MA* v. 2, n. 6 p. 273-293.

SANTOS, D. K. R. dos; SILVA, D. B. L. da; VILHALVA, S.; SANTOS, S. F. **Diversidade linguística e cultural na perspectiva indígena nos campos institucional e educacional**. *Grau Zero - Revista de Crítica Cultural*, Alagoinhas-BA: Fábrica de Letras - UNEB, v. 11, n. 1, p. 159–177, 2023. DOI: 10.30620/gz.v11n1.p159. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/grauzero/article/view/v11n1p159>. Acesso em: 14 fev. 2024.

SANTOS, David Kaique Rodrigues dos et al.. **A importância da formação do TILIS/TILSP na educação de indígenas surdos..** In: O Primeiro Seminário Nacional de Línguas Indígenas de Sinais-SENLI. Anais...Bragança(PA) UFPA, 2023. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/i-seminario-de-linguas-indigenas-de-sinais-lis-361388/75116> 8-A-IMPORTANCIA-DA-FORMACAO-DO-TILISTILSP-NA-EDUCACAO-DE-INDIGENAS-SURDOS. Acesso em: 23/12/2023.

SANTOS, David Kaique Rodrigues dos. **Língua Indígena Pataxó de Sinais: um enfoque na formação escolar dos indígenas pataxós surdos.** 2024. 226 f. Dissertação (Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié, 2024.

SANTOS, David Kaique Rodrigues dos; DAMASCENO, Letícia de Souza Magalhães; VILHALVA, Shirley. **O ensino das Línguas Indígenas de Sinais e da Libras na perspectiva do Multilinguismo..** In: O Primeiro Seminário Nacional de Línguas Indígenas de Sinais-SENLI. Anais...Bragança(PA) UFPA, 2023. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/i-seminario-de-linguas-indigenas-de-sinais-lis-361388/71698> 0-O-ENSINO-DAS-LINGUAS-INDIGENAS-DE-SINAIS-E-DA-LIBRAS-NA-PERSPECTIVA-DO-MULTILINGUISMO. Acesso em: 23/12/2023.

SANTOS, Marcos Roberto dos. **O povo da água: a emergência da língua Omágua-Kambeba de Sinais, uma descrição multimodal.** 2023. 251 f., il. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade De Brasília, Universidade de Brasília, Brasília, 2023.

SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de Linguística Geral. São Paulo: Cultrix, 1988.

SESC – **Bens culturais e direitos humanos.** Org. por Inês Virgínia Prado Soares e Sandra Cureau. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015.

Silva, B. H. da ., Candia, C. E. S. ., & Santos, D. K. R. dos . (2023). **Meu lugar de fala: formação e atuação de professores e tradutores intérpretes de Línguas Indígenas de Sinais.** Cadernos Macambira, 7(3), 290–297. Recuperado de <https://revista.lapprudes.net/index.php/CM/article/view/821>

SILVA, Bruno Henrique da. **Educação de surdos indígenas em uma comunidade Pankararu no interior de Pernambuco: Educação Inclusiva, Educação Bilíngue ou o quê?** Universidade Federal de São Carlos – São Paulo, 2019.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de Identidade: uma introdução as teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SILVEIRA, R. A. *Comunidades multilíngues: Dinâmicas sociolinguísticas no Brasil contemporâneo.* Porto Alegre: Sulina, 2018.

SKLIAR, Carlos (Org.). **Atualidade da educação bilíngue para surdos: interfaces entre pedagogia e linguística.** Porto Alegre: Mediação, 1999.

SOARES, Priscilla Alyne Sumaio; FARGETTI, Cristina Martins. Línguas indígenas de sinais : pesquisas no Brasil. **LIAMES: Línguas Indígenas Americanas**, Campinas, SP, v. 22, n. 00, p. e022004, 2022. DOI: 10.20396/liames.v22i00.8667592. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/liames/article/view/8667592>. Acesso em: 30 jul. 2024.

SOUZA, R. R. **Mapeamento de Sinais da Educação escolar indígena dos surdos Paiter Suruí**. Dissertação de Mestrado da Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho, RO, P. 180. 2017.

SPRINGGAY, Stephanie; IRWIN, Rita L. A/r/tografia como forma de pesquisa baseada na prática. (In) DIAS, Belidson; IRWIN, Rita (Orgs.) Pesquisa educacional baseada em arte: a/ tografia. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

STROBEL, Karin. **As Imagens do Outro sobre a Cultura Surda**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2008.

Tukano, D. – **Nhe'e~ Porã: memória e transformação** / curadoria Daiara Tukano – São Paulo, SP: Museu da Língua Portuguesa, 2023.

UNESCO – Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, 2002. Disponível em https://www.peaunesco-sp.com.br/destaque/diversidade_cultural.pdf Acesso em 26.02.2024.

VILHALVA, S. **Mapeamento das línguas de sinais emergentes: um estudo sobre as comunidades linguísticas indígenas de Mato Grosso do Sul**. Dissertação de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis - SC, 2009. Disponível em: [https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/92972/271269.pdf?sequence=1 &isAllowed=y](https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/92972/271269.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 20 de agosto de 2022.

VILHALVA, Shirley. **Despertar do Silêncio**. Editora Arara Azul LTDA. Rio de Janeiro, 2004.

VILHALVA, Shirley; ARAUJO, Bruno Roberto Nantes. Educação de indígenas surdos e as línguas indígenas de sinais. *LínguaTec*, [s.l.], v. 7, n. 1, p. 348-359, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/LinguaTec/article/view/5989>. Acesso em: 27 jan.

WAGLEY, Charles. *Uma Comunidade Amazônica*. 3 ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1988.

WEINREICH, U. *Languages in contact: Findings and problems*. 7. ed. Nova York: Mouton de Gruyter, 2006.